



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

A Direção da **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/todos as/os candidatas/candidatos selecionadas/selecionados nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021 e relacionadas/relacionados neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: DRAMATURGIA.**

A/O candidata/candidato deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Dramaturgia**, a ser divulgado nos sites [www.spescoladeteatro.org.br](http://www.spescoladeteatro.org.br) e [www.institutomais.org.br](http://www.institutomais.org.br), na data prevista de **21 de dezembro de 2020.**

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/candidato deverá ter acesso a computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

**Atenção: A/O candidata/candidato deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo WhatsApp para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (e-mail).**

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/pelos candidatas/candidatos, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/pelo candidata/candidato.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento do vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.

### **AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO**

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

As avaliações específicas do Segundo Momento serão eliminatórias e classificatórias, definindo o grupo de candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021.

### CANDIDATAS/CANDIDATOS APROVADAS/APROVADOS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/dos candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos sites [www.spescoladeteatro.org.br](http://www.spescoladeteatro.org.br) e [www.institutomais.org.br](http://www.institutomais.org.br), na data prevista de **29 de janeiro de 2021, a partir das 17h00**.

### DIVISÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/candidato encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/dos candidatas/candidatos convocadas/convocados para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Dramaturgia, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/candidato do Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021.

A/O candidata/candidato deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital do Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Dramaturgia**.

São Paulo/SP, 21 de dezembro de 2020.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco

**P A R C E R I A C O M :**





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

#### ANEXO 1

#### **ATENÇÃO:**

**A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS CONVOCADAS/CONVOCADOS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO, LINHA DE ESTUDO – DRAMATURGIA, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO**

#### LINHA DE ESTUDO DE **DRAMATURGIA** SEGUNDO MOMENTO

O segundo momento consiste em três trabalhos:

1. Assistir a um vídeo (espetáculo) e escrever sobre o material assistido;
2. Escrever uma cena curta, sobre um tema que será proposto;
3. Ler uma peça escolhida entre três que serão enviadas e escrever uma reflexão sobre ela.

Os três textos não deverão ultrapassar uma lauda. Confira as informações e fique bastante atenta/o. Nosso obrigado!

#### 1ª ETAPA

#### VÍDEO/AULA

1. Assistir ao espetáculo publicado no seguinte endereço do Youtube: **“Conselho de Classe”** – <https://youtu.be/cg9Uys6OzOE> - **Atenção:** copiar link e colar.
2. Elaborar uma reflexão sobre o que foi assistido no vídeo (uma lauda, fonte Arial 12 e espaço 1,5, com ou sem título).

Perguntas-provocação para a escrita deste texto:

- a. Sobre que fala a peça?
- b. Quais os sentimentos e as sensações que o espetáculo provoca?

**IMPORTANTE: Você deverá entregar esta reflexão no dia 08 de janeiro de 2021, de acordo com as orientações definidas na 4ª Etapa**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

#### 2ª ETAPA

#### ESCRITA DE UMA CENA CURTA

#### DEVERÁ SER REALIZADA

**NO DIA 09/01/2021 – 14h00**

1. Será publicado no dia **09 de janeiro de 2021**, às 14h00, o tema a ser desenvolvido pela/o candidata/o. Para acessar a proposta, a/o candidata deverá seguir as seguintes orientações:

Acessar o site do **IM AIS** [www.institutomais.org.br](http://www.institutomais.org.br), através do link a ser disponibilizado em sua Área Restrita.

**Divulgação das Instruções e do Tema para a Escrita de uma Cena Curta: 14h00.**

**Tempo de Duração para o desenvolvimento: 04h00.**

**Término da Avaliação: Até às 18h00 (limite de horário para enviar a Escrita de uma Cena Curta)**

**IMPORTANTE: SERÃO AVALIADOS NESTA ETAPA OS SEGUINTE QUESITOS: PERCEPÇÃO CRÍTICA, CRIATIVIDADE, CONCATENAÇÃO DE IDEIAS E DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.**

#### 3ª ETAPA

#### LEITURA DE UMA PEÇA

1. Escolha para a leitura, uma entre as três peças teatrais relacionadas abaixo (os arquivos estarão à disposição das/dos candidatas/os, em anexo - PDF):
  - a. – **Édipo Rei, de Sófocles**
  - b. – **Piscina (Sem) Água, de Mark Ravenhill**
  - c. – **Vaga Carne, de Grace Passô**
  - **Acessar os textos em anexo, em PDF.**
2. Elaborar um texto desenvolvendo uma reflexão sobre o conteúdo e a forma da peça (uma lauda, fonte Arial 12 e espaço 1,5, com ou sem título).



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

**IMPORTANTE:** Você deverá entregar esta reflexão no dia **08 de janeiro de 2021** de acordo com as orientações definidas na 4ª Etapa.

#### 4ª ETAPA

#### ORIENTAÇÕES

#### ENTREGA DOS TRABALHOS À BANCA DE AVALIAÇÃO

08 de janeiro de 2021

1. Você deverá organizar um arquivo, contendo os textos das 1ª e 3ªs etapas.
  - a. Salvar em PDF os textos da 1ª e 3ª etapa, em um único arquivo, de acordo com as seguintes instruções:

#### Na capa do trabalho:

- Nome da/o candidata/o:
- Número de inscrição:
- Número do RG:
- Horário desejado para cursar linha de estudo:  
( ) matutino ( ) vespertino

2. **ATENÇÃO** – o material deverá ser enviado até o dia **08 de janeiro de 2021** para o seguinte e-mail: [dramaturgia@imais.org.br](mailto:dramaturgia@imais.org.br)
3. Considerando o seguinte:

**3.1** - Assunto: **PROCESSO SELETIVO DE DRAMATURGIA – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O**

Por exemplo: **PROCESSO SELETIVO DE DRAMATURGIA - LUISA ANTONIA PINHEIROS**

**3.2** - No corpo do e-mail escrever, por exemplo:

**À banca de Avaliação do Processo Seletivo de Dramaturgia,**

**Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – 1º Semestre de 2021.**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS**  
**NÚMERO DE INSCRIÇÃO - 033579**  
**RG – 45.567.890-3**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **DRAMATURGIA**

#### 5ª ETAPA

#### ENTREVISTAS POR WHATSAPP

**NO DIA 20 DE JANEIRO DE 2021**

1. Todas/os candidatas/os que realizaram as etapas anteriores e entregaram os trabalhos de acordo com as orientações dadas, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:

#### **GRUPO 1**

**Data: 20/01/2021**

**Horário: 14h30 às 18h30**

<b>Nº INSCRIÇÃO</b>	<b>NOME DA/DO CANDIDATA/CANDIDATO</b>	<b>DOCUMENTO</b>
0388000774	FERNANDA STÉFANO GONÇALVES DOS SANTOS	32513596-4
0388000787	JACQUELINE DOMINGUES GUIMARÃES	500543689
0388000789	JOÃO VICTOR CONCKER CORRÊA	39704956-0
0388000793	LARISSA NASCIMENTO NUNES SILVA	540890327
0388000794	LARISSA SPAGNUOLO	446881831
0388000814	VITOR NASCIMENTO JULIAN	381367113

#### 6ª ETAPA

#### ENVIO DE UMA FOTO

**NO DIA 08 DE JANEIRO DE 2021**

para o e-mail – [dramaturgia@imais.org.br](mailto:dramaturgia@imais.org.br)

#### FOTO DE PERFIL DAS (OS) CANDIDATAS (OS)

As (os) candidatas (os) precisam enviar uma foto de rosto, no estilo 3x4, com fundo branco (de preferência), nos formatos JPG. ou PNG.

A foto precisa ser nítida e de qualidade, para que a identificação seja feita facilmente.

#### SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,  
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP  
11 3121.3200

#### SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,  
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP  
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

[WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR](http://WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR)



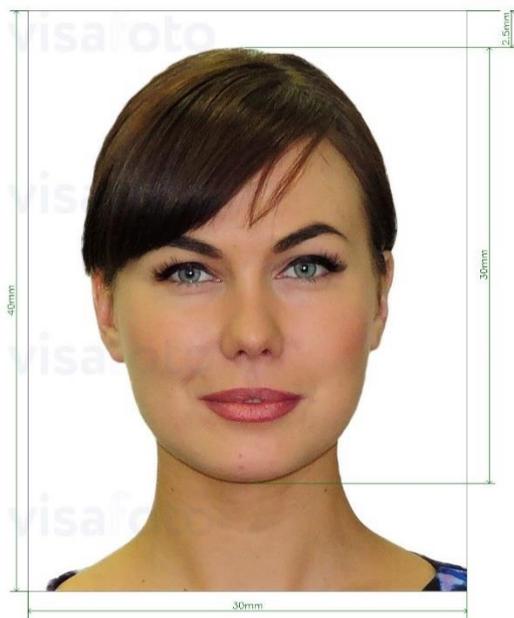
**PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021**  
**EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS**  
**AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO**

**LINHA DE ESTUDO – DRAMATURGIA**

É permitido sorrir e serão aceitas imagens de diferentes tipos de câmeras, contanto que estejam nítidas e com qualidade.

O corte máximo que pode ser feito na foto é de 3x4 seguindo essas orientações. Fotos mais afastadas serão permitidas.

Confira um exemplo de enquadramento abaixo:



As fotos devem ser enviadas por e-mail para **dramaturgia@imais.org.br**, até o dia **08 de janeiro de 2021**.

No espaço reservado ao Assunto, a/o candidata/o escreverá o seguinte: FOTO – CANDIDATA/O DRAMATURGIA - JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

Por exemplo: **FOTO – CANDIDATA/O DRAMATURGIA - LUISA ANTONIA PINHEIROS**

No corpo do e-mail escrever por exemplo:

**À banca de Avaliação do Processo Seletivo de DRAMATURGIA,**

**Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – 1º Semestre de 2021.**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS**  
**NÚMERO DE INSCRIÇÃO - 033579**  
**RG – 45.567.890-3**

Esta foto será utilizada pela SP Escola de Teatro e IMAIS para a publicação das/dos classificadas/classificados selecionadas/selecionados no Processo Seletivo Online do Primeiro Semestre de 2021.



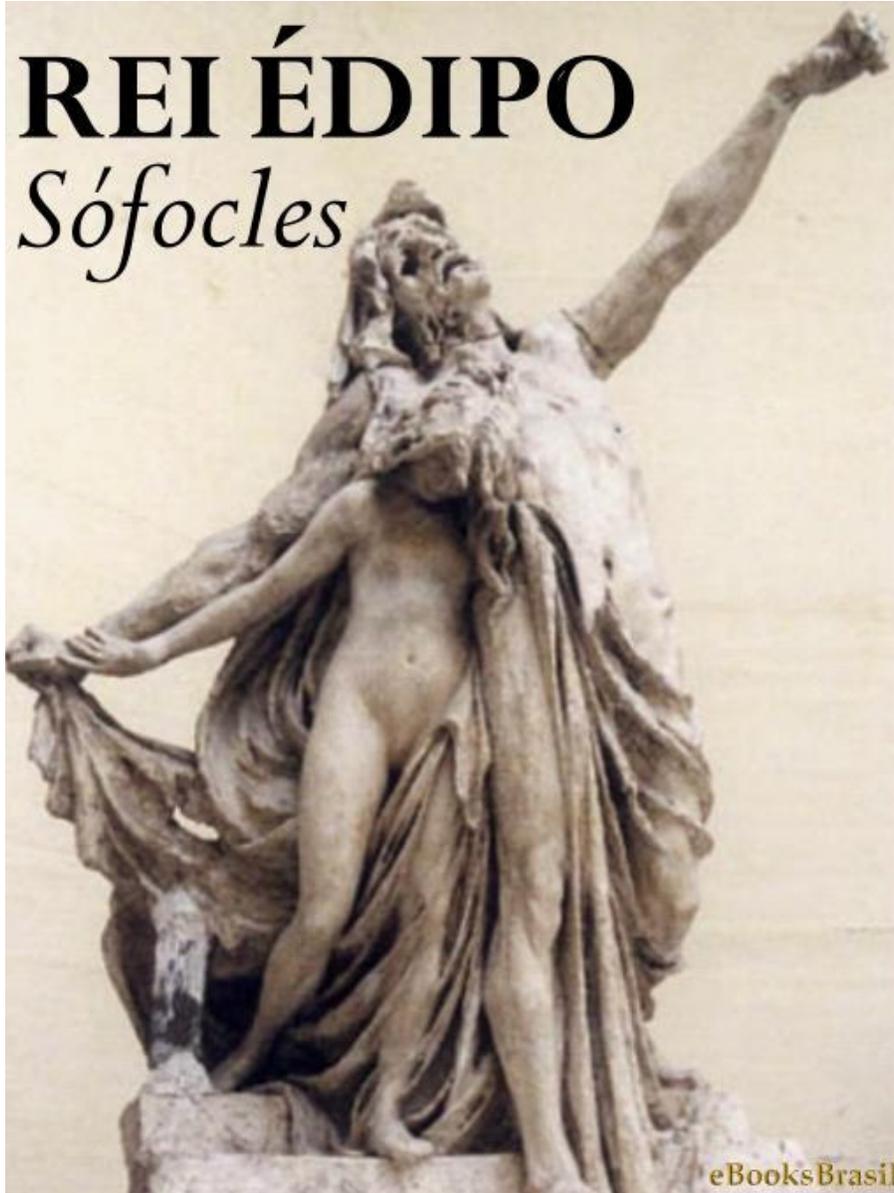
| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

**PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021**  
**EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS**  
**AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO**

**LINHA DE ESTUDO – DRAMATURGIA**

# REI ÉDIPO

*Sófocles*



eBooksBrasil

Rei Édipo  
Sófocles (c. 496 AC-406 AC)

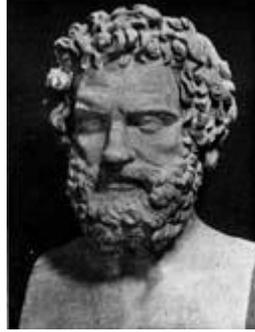
Tradução  
J. B. de Mello e Souza\*

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

Fonte Digital  
Digitalização do livro em papel  
Clássicos Jackson, Vol. XXII  
Diagramação adaptada aos formatos de eBook  
disponíveis

© 2005 — Sófocles

**REI  
ÉDIPO**



**SÓFOCLES**

# REI ÉDIPO



## **PERSONAGENS**

O REI ÉDIPO

O SACERDOTE

CREONTE

CORIFEU

TIRÉSIAS

JOCASTA

UM MENSAGEIRO

UM SERVO

UM EMISSÁRIO

CORO DOS ANCIÃOS DE TEBAS\*

*A ação passa-se em Tebas (Cadméia), diante do palácio do rei ÉDIPO. Junto a cada porta há um altar, a que se sobe por três degraus. O povo está ajoelhado em torno dos altares, trazendo ramos de louros ou de oliveira. Entre os anciãos está um sacerdote de Júpiter. Abre-se a porta central; ÉDIPO aparece, contempla o povo, e fala em tom paternal.*

ÉDIPO

Ó meus filhos, gente nova desta velha cidade de Cadmo, por que vos prosternais assim, junto a estes altares, tendo nas mãos os ramos dos suplicantes? (1) Sente-se, por toda a cidade, o incenso dos sacrificios; ouvem-se gemidos, e cânticos fúnebres. Não quis que outros me informassem da causa de vosso desgosto; eu próprio aqui venho, eu, o rei Édipo, a quem todos vós conheceis. Eia! Responde tu, ó velho; por tua idade veneranda convém que fales em nome do povo. Dize-me, pois, que motivo aqui vos trouxe? Que terror, ou que desejo vos reuniu? Careceis de amparo? Quero prestar-vos todo o meu

socorro, pois eu seria insensível à dor, se não me condoesse de vossa angústia.

#### O SACERDOTE

Édipo, tu que reinas em minha pátria, bem vês esta multidão prosternada diante dos altares de teu palácio; aqui há gente de toda a condição: crianças que mal podem caminhar, jovens na força da vida, e velhos curvados pela idade, como eu, sacerdote de Júpiter. E todo o restante do povo, conduzindo ramos de oliveira, se espalha pelas praças públicas, diante dos templos de Minerva, em torno das cinzas proféticas de Apolo Ismênio! (2) Tu bem vês que Tebas se debate numa crise de calamidades, e que nem sequer pode erguer a cabeça do abismo de sangue em que se submergiu; ela perece nos germens fecundos da terra, nos rebanhos que definham nos pastos, nos insucessos das mulheres cujos filhos não sobrevivem ao parto. Brandindo seu archote, o deus maléfico da peste devasta a cidade e dizima a raça de Cadmo; e o sombrio Hades se enche com os nossos gemidos e gritos de dor. Certamente, nós não te igualamos aos deuses imortais; mas, todos nós, eu e estes jovens, que nos acercamos de teu lar, vemos em ti o primeiro dos

homens, quando a desgraça nos abala a vida, ou quando se faz preciso obter o apoio da divindade. Porque tu livraste a cidade de Cadmo do tributo que nós pagávamos à cruel Esfinge; sem que tivesses recebido de nós qualquer aviso, mas com o auxílio de algum deus, salvaste nossas vidas. Hoje, de novo aqui estamos, Édipo; a ti, cujas virtudes admiramos, nós vimos suplicar que, valendo-te dos conselhos humanos, ou do patrocínio dos deuses, dês remédios aos nossos males; certamente os que possuem mais longa experiência é que podem dar os conselhos mais eficazes! Eia, Édipo! Tu, que és o mais sábio dos homens, reanima esta infeliz cidade, e confirma tua glória! Esta nação, grata pelo serviço que já lhe prestaste, considera-te seu salvador; que teu reinado não nos faça pensar que só fomos salvos por ti, para recair no infortúnio, novamente! Salva de novo a cidade; restitui-nos a tranqüilidade, ó Édipo! Se o concurso dos deuses te valeu, outrora, para nos redimir do perigo, mostra, pela segunda vez, que és o mesmo! Visto que desejas continuar no trono, bem melhor será que reines sobre homens, do que numa terra deserta. De que vale uma cidade, de que serve um navio, se no seu

interior não existe uma só criatura humana?

ÉDIPO

Ó meus filhos, tão dignos de piedade! Eu sei, sei muito bem o que viestes pedir-me. Não desconheço vossos sofrimentos; mas na verdade, de todos nós, quem mais se aflige sou eu. Cada um de vós tem a sua queixa; mas eu padeço as dores de toda a cidade, e as minhas próprias. Vossa súplica não me encontra descuidado; sabeis que tenho já derramado abundantes lágrimas, e que meu espírito inquieto já tem procurado remédio que nos salve. E a única providência que consegui encontrar, ao cabo de longo esforço, eu a executei imediatamente. Creonte, meu cunhado, filho de Meneceu, foi por mim enviado ao templo de Apolo, para consultar o oráculo sobre o que nos cumpre fazer para salvar a cidade. E, calculando os dias decorridos de sua partida, e o de hoje, sinto-me deveras inquieto; que lhe terá acontecido em viagem? Sua ausência já excede o tempo fixado, e sua demora não me parece natural. Logo que ele volte, considerai-me um criminoso se eu não executar com presteza tudo o que o deus houver ordenado.

O SACERDOTE

Realmente, tu falas no momento oportuno, pois acabo de ouvir que Creonte está de volta.

ÉDIPO

Ó rei Apolo! Tomara que ele nos traga um oráculo tão propício, quanto alegre se mostra sua fisionomia!

O SACERDOTE

Com efeito, a resposta deve ser favorável; do contrário, ele não viria assim, com a cabeça coroada de louros!(3)

ÉDIPO

Vamos já saber; ei-lo que se aproxima, e já nos pode falar. Ó príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu, que resposta do deus Apolo tu nos trazes?

*Entra CREONTE*

CREONTE

Uma resposta favorável, pois acredito que mesmo as coisas desagradáveis, se delas nos resulta algum bem, tornam-se uma felicidade.

ÉDIPO

Mas, afinal, em que consiste essa resposta? O que acabas de dizer não nos causa confiança, nem apreensão.

CREONTE

*(Indicando o povo ajoelhado)* Se queres ouvir-me na presença destes homens, eu falarei; mas estou pronto a entrar no palácio, se assim preferires.

ÉDIPO

Fala perante todos eles; o seu sofrimento me causa maior desgosto do que se fosse meu, somente.

CREONTE

Vou dizer, pois, o que ouvi da boca do deus(4). O rei Apolo ordena, expressamente, que purifiquemos esta terra da mancha que ela mantém; que não a deixemos agravar-se até tornar-se incurável.

ÉDIPO

Mas, por que meios devemos realizar essa purificação? De que mancha se trata?

CREONTE

Urge expulsar o culpado, ou punir, com a morte, o assassino, pois o sangue maculou a cidade (5).

ÉDIPO

De que homem se refere o oráculo à morte?

CREONTE

Laio, o príncipe, reinou outrora neste país, antes que te tomasses nosso rei.

ÉDIPO

Sim; muito ouvi falar nele, mas nunca o vi.

CREONTE

Tendo sido morto o rei Laio, o deus agora exige que seja punido o seu assassino, seja quem for.

ÉDIPO

Mas onde se encontra ele? Como descobrir o culpado de um crime tão antigo?

CREONTE

Aqui mesmo, na cidade, afirmou o oráculo. Tudo o que se procura, será

descoberto; e aquilo de que descuramos, nos escapa.

*ÉDIPO fica pensativo por um momento*

ÉDIPO

Foi na cidade, no campo, ou em terra estranha que se cometeu o homicídio de Laio?

CREONTE

Ele partiu de Tebas, para consultar o oráculo, conforme nos disse, e não mais voltou.

ÉDIPO

E nenhuma testemunha, nenhum, companheiro de viagem viu qualquer coisa que nos possa esclarecer a respeito?

CREONTE

Morreram todos, com exceção de um único, que, apavorado, conseguiu fugir, e de tudo o que viu só nos pôde dizer uma coisa.

ÉDIPO

Que disse ele? Uma breve revelação pode facilitar-nos a descoberta de muita coisa, desde que nos dê um vislumbre de esperança.

CREONTE

Disse-nos ele que foram salteadores que encontraram Laio e sua escolta, e o mataram. Não um só, mas um numeroso bando.

ÉDIPO

Mas como, e para quê teria o assassino praticado tão audacioso atentado, se não foi coisa tramada aqui, mediante suborno?

CREONTE

Também a nós ocorreu essa idéia; mas, depois da morte do rei, ninguém pensou em castigar o criminoso, tal era a desgraça que nos ameaçava.

ÉDIPO

Que calamidade era essa, que vos impediu de investigar o que se passara?

CREONTE

A Esfinge, com seus enigmas, obrigou-nos a deixar de lado os fatos incertos, para só pensar no que tínhamos diante de nós.

ÉDIPO

Está bem; havemos de voltar à origem desse crime, e pô-lo em evidência. É digna

de Apolo, e de ti, a solicitude que tendes pelo morto; por isso mesmo ver-me-eis secundando vosso esforço, a fim de reabilitar e vingar a divindade e o país ao mesmo tempo. E não será por um estranho, mas no meu interesse que resolvo punir esse crime; quem quer que haja sido o assassino do rei Laio, bem pode querer, por igual forma, ferir-me com a mesma audácia. Auxiliando-vos, portanto, eu sirvo a minha própria causa(6). Eia, depressa, meus filhos! Erguei-vos e tomai vossas palmas de suplicantes; que outros convoquem os cidadãos de Cadmos; eu não recuarei diante de obstáculo algum! Com o auxílio do Deus, ou seremos todos felizes, ou ver-se-á nossa total ruína!

O SACERDOTE

Levantemo-nos, meus filhos! O que ele acaba de anunciar é, precisamente, o que vínhamos pedir aqui. Que Apolo, que nos envia essa predição oracular, possa nos socorrer, também, para pôr um fim ao flagelo que nos tortura!

*Saem ÉDIPO, CREONTE, O SACERDOTE. Retira-se o POVO.  
Entra O CORO, composto de quinze notáveis tebanos.*

O CORO

Doce palavra de Zeus, que nos trazes do santuário dourado de Delfos à cidade ilustre de Tebas? Temos o espírito conturbado pelo terror, e o desespero nos quebranta. Ó Apolo, nume tutelar de Delos, tu que sabes curar todos os males, que sorte nos reservas agora, ou pelos anos futuros? Dize-nos tu, filha da áurea Esperança, divina voz imortal!

Também a ti recorreremos, ó filha de Zeus. Palas eterna, e a tua divina irmã, Diana, protetora de nossa pátria, em seu trono glorioso na Ágora imensa; e Apolo, que ao longe expede suas setas; vinde todos vós em nosso socorro; assim como já nos salvaste outrora de uma desgraça que nos ameaçava, vinde hoje salvar-nos de novo!

Ai de nós, que sofremos dores sem conta! Todo o povo atingido pelo contágio, sem que nos venha à mente recurso algum, que nos possa valer! Fenecem os frutos da terra; as mães não podem resistir às dores do parto; e as vítimas de tanta desgraça, atiram-se à região do deus das trevas (7).

Privada desses mortos inúmeros, a cidade perece, e, sem piedade, sem uma só

lágrima, jazem os corpos pelo chão, espalhando o contágio terrível; as esposas, as mães idosas, com seus cabelos brancos, nos degraus dos altares para onde correm de todos os pontos, soltam gemidos pungentes, implorando o fim de tanta desventura. E à lamúria dolorosa se juntam os sons soturnos do peã\*\*. Dileta filha dourada de Júpiter, envia-nos sorridente, o teu socorro!

E o poderoso Marte, que ora nos inflama sem o bronze dos escudos (8), ferindo-nos no meio destes gritos de horror, afugentai-o para bem longe de nossa terra, ou para o vastíssimo leito de Anfitrite, ou para as ondas inóspitas dos mares da Trácia, porque o que a noite não mata, o dia imediato com certeza destrói. Ó Júpiter, nosso Pai, senhor das faíscas ofuscantes, esmaga esse Marte impiedoso sob teus raios terríveis!

Ó rei Lício(9) nós pedimos que de teu arco de ouro tuas flechas invencíveis fossem lançadas para nos socorrer, para nos proteger, bem como as tochas ardentes de Diana, com as quais ela percorre as colinas de tua terra. Invocamos também o deus de dourada tiara, que usa o nome de nosso país, Baco,

de rubicundas faces, o deus da alegria, para que, com seu cortejo de ninfas, corra também em nosso auxílio, com seu flamejante archote, contra esse deus cruel, que ninguém venera!

*Reaparece ÉDIPO, que sai do palácio durante a última estrofe*

ÉDIPO

(Ao Corifeu) Tu ergues tua súplica; e o que vens pedir aos deuses, a proteção e o alívio a teus males, tu obterás, sem demora, se quiseres ouvir minhas palavras, e agir como se faz mister, em face do flagelo. Estas palavras, dirijo a todos vós, cidadãos, sem que nada saiba acerca do assassinio: sou estranho ao crime, e a tudo o que dele se conta; assim, ouvi o que tenho a vos recomendar. Pouco avançaremos em nossas pesquisas, se não me forneceres alguns indícios. Só depois desse atentado é que fui admitido como cidadão entre vós; e por isso a todos vós, tebanos, declaro o seguinte: Quem quer que saiba quem matou Laio, filho de Lábdaco, fica intimado a vir a minha presença para mo dizer; mesmo que receie alguma conseqüência da denúncia, o criminoso que fale, antecipando uma acusação de outrem, pois nenhuma outra pena sofrerá, senão a de ser exilado do

país, sem que sua vida corra perigo. Se alguém sabe que o homicida não é tebano, mas estrangeiro, não deve ocultar essa revelação, pois terá uma recompensa e o meu reconhecimento. Mas, se vós silenciais, ou se alguém, por mero temor, deixar de indicar um amigo, ou de se denunciar, eis o que ordeno que se faça, e o que ele deve saber de mim: Que nenhum habitante deste reino, onde exerço o poder soberano, receba esse indivíduo, seja quem for; e não lhe dirija a palavra, nem permita que ele participe de preces ou de holocaustos, ou receba a água lustral. Que todos se afastem dele, e de sua casa, porque ele é uma nódoa infamante, conforme acaba de nos revelar o oráculo do deus. Eis aí como quero servir à divindade, e ao finado rei. E, ao criminoso desconhecido, eu quero que seja para sempre maldito! Quer haja cometido o crime só, quer tenha tido cúmplices, que seja rigorosamente punido, arrastando, na desgraça, uma vida miserável!... E se algum dia eu o recebi voluntariamente no meu lar, que sobre mim recaia essa maldição e os males que ela trará! Eu vos conjuro, cidadãos! Atendei a tudo o que vos digo, por mim, pelo deus Apolo, e por este país que perece na esterilidade e na

cólera divina! Ainda que essa purificação não nos fosse prescrita pelo deus, não seria possível deixar que a cidade continuasse poluída, visto que o morto era um homem bom, e era o rei! Ao contrário, deveríamos realizar todas as pesquisas possíveis! Para tanto esforçar-me-ei agora, eu, que herdei o poder que Laio exercia, eu que tive o seu lar, que recebi sua esposa como minha esposa, e que teria perfilhado seus filhos, se ele os tivesse deixado! Sim! Por todas essas razões, como se ele fosse meu pai, tudo farei para descobrir o assassino desse filho de Lábdaco, digno descendente de Polidoro, de Cadmo e do lendário Agenor (10). A todos quantos se recusem a me obedecer, desejo que os deuses lhes neguem todo e qualquer fruto da terra, e prole de suas esposas; e quero que para sempre padeçam de todos os males que ora sofremos, e de outros ainda mais cruéis. E a vós, tebanos, que, certamente, aprovais meus desígnios, que a Justiça vos proteja, e que todos os deuses vos sejam propícios!

#### CORIFEU

Eu te falarei, ó rei, conforme determinas com tuas tremendas maldições. Nenhum de nós foi o matador

de Laio; nenhum de nós sabe indicar quem o tenha sido! Que o deus Apolo, que ordenou essa pesquisa, possa revelar-nos quem teria, há tanto tempo já, cometido esse horrendo crime!

ÉDIPO

É justo o que dizes; mas não está em nosso poder coagir a divindade a proceder de forma contrária à sua vontade.

CORIFEU

Nova idéia proporei, além da que já disse.

ÉDIPO

E, se tens uma terceira, fala! Não deixes de a formular!

CORIFEU

Conheço alguém que, quase tanto como Apolo, sabe dos mistérios profundos! É Tirésias. Se o interrogarmos, ó príncipe, ele nos dirá claramente o que se passou.

ÉDIPO

Não esqueci esse recurso; a conselho de Creonte mandei dois emissários procurá-lo. Admira-me que ainda não tenham chegado.

CORIFEU

Todos os rumores que outrora circulavam eram frívolos e antiquados.

ÉDIPO

Que rumores? Eu estimaria conhecer tudo o que então se acreditava.

CORIFEU

Diziam que Laio foi morto por uns viajantes.

ÉDIPO

Também isso ouvi dizer; mas não apareceu uma só testemunha ocular.

CORIFEU

Por muito pouco sensível que o assassino seja ao temor, quando souber da maldição terrível que proferiste, não resistirá!

ÉDIPO

Quem não receou cometer um crime tal, não se deixará impressionar por simples palavras.

O CORO

Acaba de chegar quem tudo nos vai descobrir! Trazem aqui o divino profeta, o

único, entre todos os homens, que sabe desvendar a verdade!

*Entra TIRÉSIAS, velho e cego, guiado por um menino. Escoltam-no dois servidores de ÉDIPO.*

ÉDIPO

Ó Tirésias, que conheceis todas as coisas, tudo o que se possa averiguar, e o que deve permanecer sob mistério; os signos do céu e os da terra... Embora não vejas, tu sabes do mal que a cidade sofre; para defendê-la, para salvá-la, só a ti podemos recorrer, ó Rei! (11) Apolo, conforme deves ter sabido por meus emissários, declarou a nossos mensageiros que só nos libertaremos do flagelo que nos maltrata se os assassinos de Laio forem descobertos nesta cidade, e mortos ou desterrados. Por tua vez, Tirésias, não nos recuses as revelações oraculares dos pássaros, nem quaisquer outros recursos de tua arte divinatória; salva a cidade, salva a ti próprio, a mim, e a todos, eliminando esse estigma que provém do homicídio. De ti nós dependemos agora! Ser útil, quando para isso temos os meios e poderes, é a mais grata das tarefas!

TIRÉSIAS

Oh! Terrível coisa é a ciência, quando o saber se torna inútil! Eu bem assim pensava; mas creio que o esqueci, pois do contrário não teria consentido em vir até aqui.

ÉDIPO

Que tens tu, Tirésias, que estás tão desalentado?

TIRÉSIAS

Ordena que eu seja reconduzido a minha casa, ó rei. Se me atenderes, melhor será para ti, e para mim.

ÉDIPO

Tais palavras, de tua parte, não são razoáveis, nem amistosas para com a cidade que te mantém, visto que lhe recusas a revelação que te solicita.

TIRÉSIAS

Para teu benefício, eu bem sei, teu desejo é inoportuno. Logo, a fim de não agir imprudentemente...

ÉDIPO

Pelos deuses! Visto que sabes, não nos ocultes a verdade! Todos nós, todos nós, de joelhos, te rogamos!

TIRÉSIAS

Vós delirais, sem dúvida! Eu causaria a minha desgraça, e a tua!

ÉDIPO

Que dizes?!... Conhecendo a verdade, não falarás? Por acaso tens o intuito de nos trair, causando a perda da cidade?

TIRÉSIAS

Jamais causarei tamanha dor a ti, nem a mim! Por que me interrogas em vão? De mim nada ouvirás!

ÉDIPO

Pois quê! Ó tu, o mais celerado de todos os homens! Tu irritarias um coração de pedra! E continuarás assim, inflexível e inabalável?

TIRÉSIAS

Censuras em mim a cólera que estou excitando, porque ignoras ainda a que eu excitaria em outros! Ignoras... e, no entanto, me injurias!

ÉDIPO

Quem não se irritaria, com efeito, ouvindo tais palavras, que provam o quanto desprezas esta cidade!

TIRÉSIAS

O que tem de acontecer, acontecerá,  
embora eu guarde silêncio!...

ÉDIPO

Visto que as coisas futuras fatalmente  
virão, tu bem podes predizê-las!

TIRÉSIAS

Nada mais direi! Deixa-te levar, se  
quiseres, pela cólera mais violenta!

ÉDIPO

Pois bem! Mesmo irritado, como estou,  
nada ocultarei do que penso! Sabe, pois,  
que, em minha opinião, tu foste cúmplice  
no crime, talvez tenhas sido o mandante,  
embora não o tendo cometido por tuas  
mãos. Se não fosses cego, a ti, somente, eu  
acusaria como autor do crime.

TIRÉSIAS

Será verdade? Pois EU! EU é que te  
ordeno que obedças ao decreto que tu  
mesmo baixaste, e que, a partir deste  
momento, não dirijas a palavra a nenhum  
destes homens, nem a mim, porque o  
ímpio que está profanando a cidade ÉS  
TU!

ÉDIPO

Quê? Tu te atreves, com essa impudência, a articular semelhante acusação, e pensas, porventura, que sairás daqui impune?

TIRÉSIAS

O que está dito, está! Eu conheço a verdade poderosa!

ÉDIPO

Quem te disse isso? Com certeza não descobriste por meio de artifícios!

TIRÉSIAS

Tu mesmo! Tu me forçaste a falar, bem a meu pesar!

ÉDIPO

Mas, que dizes, afinal? Não te compreendo bem! Vamos! Repete tua acusação!

TIRÉSIAS

Afirmo QUE ÉS TU o assassino que procuras!

ÉDIPO

Oh! Não repetirás impunemente tão ultrajante acusação!

TIRÉSIAS

Será preciso que eu continue a falar, provocando ainda mais tua cólera?

ÉDIPO

Fala o quanto quiseres... O que dizes, de nada valerá.

TIRÉSIAS

Pois eu asseguro que te uniste, criminosamente, sem o saber, àqueles que te são mais caros; e que não sabes ainda a que desgraça te lançaste!

ÉDIPO

Crês tu que assim continuarás a falar, sem conseqüências?

TIRÉSIAS

Certamente! Se é que a verdade tenha alguma força!

ÉDIPO

Sim! Ela a tem; mas não em teu proveito! Em tua boca, ela já se mostra fraca... Teus ouvidos e tua consciência estão fechados, como teus olhos.

TIRÉSIAS

E és tu, ó rei infeliz! — que me fazes agora esta censura... mas um dia virá,

muito breve, em que todos, sem exceção,  
pior vitupério hão-de formular contra ti!

ÉDIPO

Tu vives na treva... Não poderias  
nunca ferir a mim, ou a quem quer que  
viva em plena luz.

TIRÉSIAS

Não é destino teu cair vítima de meus  
golpes. Apolo para isso bastará, pois tais  
coisas lhe competem.

ÉDIPO

Isso tudo foi invenção tua, ou de  
Creonte?

TIRÉSIAS

Creonte em nada concorreu para teu  
mal; tu somente és teu próprio inimigo.

ÉDIPO

Ó riqueza! Ó poder! Ó glória de uma  
vida consagrada à ciência, quanta inveja  
desperta contra o homem a quem todos  
admiram! Sim! Porque do império que  
Tebas pôs em minhas mãos sem que eu o  
houvesse pedido, resulta que Creonte, meu  
amigo fiel, amigo desde os primeiros dias,  
se insinua sub-repticiamente sob mim, e

tenta derrubar-me, subornando este feiticeiro, este forjador de artimanhas, este pérfido charlatão que nada mais quer, senão dinheiro, e que em sua arte é cego. Porque, vejamos: dize tu, Tirésias! Quando te revelaste um adivinho clarividente? Porque, quando a Esfinge propunha aqui seus enigmas, não sugeriste aos tebanos uma só palavra em prol da salvação da cidade? A solução do problema não devia caber a qualquer um; tornava-se necessária a arte divinatória. Tu provaste, então, que não sabias interpretar os pássaros, nem os deuses. Foi em tais condições que eu aqui vim ter; eu, que de nada sabia; eu, Édipo, impus silêncio à terrível Esfinge; e não foram as aves, mas o raciocínio o que me deu a solução. Tentas agora afastar-me do poder, na esperança de te sentares junto ao trono de Creonte!... Quer me parecer que a ti, e a teu cúmplice, esta purificação de Tebas vai custar caro. Não fosses tu tão velho, e já terias compreendido o que resulta de uma traição!

CORIFEU

A nosso ver, ó Rei, tanto tuas palavras, como as de Tirésias, foram inspiradas pela cólera. Ora, não se trata agora de julgar

esses debates; o que urge é dar cumprimento ao oráculo de Apolo.

TIRÉSIAS

Se tu possuis o régio poder, ó Édipo, eu posso falar-te de igual para igual! Tenho esse direito! Não sou teu subordinado, mas sim de Apolo; tão pouco jamais seria um cliente de Creonte. Digo-te, pois, já que ofendeste minha cegueira, — que tu tens os olhos abertos à luz, mas não enxergas teus males, ignorando quem és, o lugar onde estás, e quem é aquela com quem vives. Sabes tu, por acaso, de quem és filho? Sabes que és o maior inimigo dos teus, não só dos que já se encontram no Hades, como dos que ainda vivem na terra? Um dia virá, em que serás expulso desta cidade pelas maldições maternas e paternas. Vês agora tudo claramente; mas em breve cairá sobre ti a noite eterna. Que asilo encontrarás, que não ouça teus gemidos? Que recanto da terra não vibrará com tuas lamentações quando souberes em que funesto consórcio veio terminar tua antiga carreira? Tu não podes prever as misérias sem conta que te farão igual, na desdita, a teus filhos. E agora... podes lançar toda a infâmia sobre mim, e sobre Creonte,

porque nenhum mortal, mais do que tu,  
sucumbirá ao peso de tamanhas  
desgraças!

ÉDIPO

Quem poderá suportar palavras tais?  
Vai-te daqui, miserável! Retira-te, e não  
voltes mais!

TIRÉSIAS

Eu não teria vindo, se não me  
chamasses!

ÉDIPO

Nunca pensei que viesses aqui dizer  
tantas tolices; do contrário, não te  
mandaria buscar!

TIRÉSIAS

Tu me consideras tolo; mas para teus  
pais, — os que te deram a vida — eu  
sempre fui ajuizado.

ÉDIPO

Que pais? Espera um momento!...  
Dize: quem me deu a vida?

TIRÉSIAS

Este dia mesmo far-te-á sabedor de  
teu nascimento, e de tua morte! (12)

ÉDIPO

Como é obscuro e enigmático tudo o que dizes!

TIRÉSIAS

Não tens sido hábil na decifração de enigmas?

ÉDIPO

Podes insultar-me... Hás-de me engrandecer ainda.

TIRÉSIAS

Essa grandeza é que causa tua infelicidade!

ÉDIPO

Se eu já salvei a cidade... O mais, que importa?

TIRÉSIAS

Eu me retiro. Ó menino! Vem guiar-me!

ÉDIPO

Sim... é prudente que ele te leve! Tua presença me importuna; longe daqui não me molestarás.

TIRÉSIAS

Vou-me embora, sim; mas antes quero dizer o que me trouxe aqui, sem temer tua cólera, porque não me podes fazer mal. Afirmando-te, pois: o homem que procuras há tanto tempo, por meio de ameaçadoras proclamações, sobre a morte de Laio, **ESTÁ AQUI!** Passa por estrangeiro domiciliado, mas logo se verá que é tebano de nascimento, e ele não se alegrará com essa descoberta. Ele vê, mas tornar-se-á cego; é rico, e acabará mendigando; seus passos o levarão à terra do exílio, onde tateará o solo com seu bordão. Ver-se-á, também, que ele é ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara. Vai, Édipo! Pensa sobre tudo isso em teu palácio; se me convenceres de que minto, podes, então, declarar que não tenho nenhuma inspiração profética.

(Sai TIRÉSIAS)

*ÉDIPO entra no palácio*

O CORO

Quem será o infeliz a quem o rochedo fatídico de Delfos designa como autor dos mais monstruosos crimes? Eis o momento em que ele deveria fugir, mais veloz que os

rápidos cavalos, e mais impetuoso que a tempestade! Porque, armado com os raios fulminantes, Apolo, filho de Júpiter, já se atira contra ele, perseguido pelas inexoráveis Fúrias.

\* \* \*

Do nevoento Parnaso acaba de chegar até nós um brado horrível: que todos persigam, pelo rasto que deixa, esse criminoso desconhecido; ele vagueia pelas florestas, esconde-se nas cavernas, ou galga as montanhas como um touro acuado. Infeliz, sua corrida insana isola-o cada vez mais dos homens; em vão procura fugir aos oráculos que nos vêm, do centro do mundo, e que, eternamente vivos, esvoaçam em torno dele... (13)

\* \* \*

Terríveis, — sim! — terríveis são as dúvidas que me causam as palavras do hábil adivinho. Não sei se ele está, ou não, com a verdade; não atino o que deva pensar a respeito... Meu espírito vacila, incerto, sem compreender o passado, nem o presente. Que conflito pode haver entre os filhos de Lábdaco e os de Políbio? Nem outrora, nem hoje, nada soubemos que forneça uma prova contra a

honorabilidade de Édipo, e que nos leve a vingar, em favor dos Labdácidas, um crime cujo autor se ignora!

\* \* \*

Mas Júpiter e Apolo são clarividentes; eles conhecem as ações dos mortais; que um adivinho saiba, a tal respeito, mais do que nós, isso é que nada nos garante; só pela inteligência pode um homem sobrepujar a outro. Enquanto não se justificar a afirmação do adivinho, não apoiarei os que acusem Édipo. Porque foi perante todos que outrora veio contra ele a virgem alada (14); vimos bem o quanto ele é inteligente, e foi mediante essa prova magnífica que ele se tornou querido pela cidade. Assim, meu espírito nunca o acusará de um crime!

*Entra CREONTE, possuído de forte irritação*

CREONTE

Cidadãos! Acabo de saber que Édipo formulou contra mim gravíssimas acusações, que eu não posso admitir! Aqui estou para me defender! Se, no meio da desgraça que nos aflige, ele supõe que eu o tenha atacado, por palavras ou atos, não quero permanecer sob o vexame de semelhante suspeita, pois para mim isso

não seria ofensa de somenos valor, mas sim uma profunda injúria, qual a de ser por vós, e por meus amigos, considerado um traidor!

CORIFEU

Talvez essa acusação injuriosa lhe tenha sido ditada pela cólera momentânea, e não pela reflexão.

CREONTE

Quem teria insinuado a Édipo que por meu conselho o adivinho proferiu aquelas mentiras?

CORIFEU

Realmente, ele assim declarou, mas não sei com que fundamento.

CREONTE

E foi com olhar sereno e raciocínio seguro que ele ergueu tal denúncia?

CORIFEU

Não sei dizer... Não posso penetrar no íntimo dos poderosos; mas... ei-lo que sai do palácio.

*Entra ÉDIPO, bruscamente*

ÉDIPO

Que vieste fazer aqui? Tens coragem de vir a minha casa, tu, que conspiras contra minha vida, e pretendes arrancar-me o poder? Vamos! Dize-me, pelos deuses! pensas tu, por acaso, que eu seja um covarde, ou um demente, para conceberes tais projetos? Supunhas que eu nunca viesse a saber de tuas ações secretas, e que não as punisse logo que fossem descobertas? Não será intento de um louco pretender, sem riqueza e sem prosélitos, uma autoridade que somente nos podem dar o povo e a fortuna?

CREONTE

Sabes o que importa fazer? Deixa-me responder a tuas palavras de igual para igual, e só me julgues depois de me teres ouvido!

ÉDIPO

Tu és hábil em manobrar a palavra; mas eu não me sinto disposto a ouvir-te, sabendo que tenho em ti um inimigo perigoso.

CREONTE

A tal respeito, ouve o que te quero dizer.

ÉDIPO

Sim; ouvirei; mas não insistas em afirmar que não és culpado.

CREONTE

Tu te enganas, se crês que a teimosia seja uma virtude.

ÉDIPO

E tu não te iludas pensando que ofenderás a um parente, sem que recebas o devido castigo.

CREONTE

De acordo; tens razão nesse ponto; mas dize-me qual foi a ofensa que te fiz!

ÉDIPO

Foste tu, ou não, quem me aconselhou a mandar vir esse famoso profeta?

CREONTE

Sim; e mantenho minha opinião acerca dele.

ÉDIPO

Há quanto tempo Laio...

CREONTE

Mas que fez ele? Não compreendo!...

ÉDIPO

... Desapareceu, vítima de um assassino?

CREONTE

Já lá se vão muitos anos!

ÉDIPO

E já nesse tempo Tirésias exercitava sua ciência?

CREONTE

Sim; ele já era, então, sábio e respeitado.

ÉDIPO

E, nessa época, disse ele alguma coisa a meu respeito?

CREONTE

Nunca! pelo menos em minha presença.

ÉDIPO

E vós não fizestes pesquisas a fim de apurar o crime?

CREONTE

Fizemos, certamente, mas nada se descobriu.

ÉDIPO

Como se explica, pois, que esse homem tão hábil, não tivesse dito então o que diz hoje?

CREONTE

Não sei; e, quando desconheço uma coisa, prefiro calar-me!

ÉDIPO

Tu não ignoras, no entanto, e deves em plena consciência confessar...

CREONTE

Que devo eu confessar? Tudo o que souber, direi!

ÉDIPO

... Que, se ele não estivesse de conluio contigo, nunca viria dizer que a morte de Laio foi crime por mim cometido.

CREONTE

Que ele disse, tu bem sabes. Mas também eu tenho o direito de te dirigir algumas perguntas.

ÉDIPO

Pois interroga-me! Tu não me convencerás de que haja sido eu o assassino.

CREONTE

Ora vejamos: tu desposaste minha irmã?

ÉDIPO

É impossível responder negativamente a tal pergunta.

CREONTE

E reinas tu neste país com ela, que partilha de teu poder supremo?

ÉDIPO

Sim; e tudo o que ela deseja, eu imediatamente executo.

CREONTE

E não serei eu igualmente poderoso, quase tanto como vós?

ÉDIPO

Sim; e por isso mesmo é que pareces ser um pérfido amigo.

CREONTE

Não, se raciocinares como eu. Examina este primeiro ponto: acreditas que alguém prefira o trono, com seus encargos e perigos, a uma vida tranqüila, se também desfruta poder idêntico? Por

minha parte, ambiciono menos o título de rei, do que o prestígio real; e como eu pensam todos quantos saibam limitar suas ambições. Hoje alcanço de ti tudo quanto desejo: e nada tenho a temer... Se fosse eu o rei, muita coisa, certamente, faria contra a minha vontade... Como, pois, iria eu pretender a realeza, em troca de um valimento que não me causa a menor preocupação? Não me julgo tão insensato que venha a cobiçar o que não seja para mim, ao mesmo tempo honroso e proveitoso. Atualmente, todos me saúdam, todos me acolhem com simpatia; os que algo pretendem de ti, procuram conseguir minha intercessão; para muitos é graças a meu patrocínio que tudo se resolve. Como, pois, deixar o que tenho, para pleitear o que dizes? Tamanha perfídia seria também uma verdadeira tolice! Não me seduz esse projeto; e, se alguém se propusesse a tentá-lo, eu me oporia à sua realização. Eis a prova do que afirmo: vai tu mesmo a Delfos e procura saber se eu não transmiti fielmente a resposta do oráculo. Eis outra indicação: se tu provares que eu estou de concerto com o adivinho, condenar-me-ás à morte não por um só voto, mas por dois: o teu e o meu. Não me acuses baseado em vagas suspeitas, sem me ouvir primeiro.

Não é lícito julgar levemente, como perversos, os homens íntegros, assim como não é justo considerar íntegros os homens desonestos. Rejeitar um amigo fiel, penso eu, equivale a desprezar a própria vida, esse bem tão precioso! O tempo fará com que reconheças tudo isso com segurança, pois só ele nos pode revelar quando os homens são bons, ao passo que um só dia basta para evidenciar a maldade dos maus.

CORIFEU

Para quem, sinceramente, quer evitar a injustiça, ele muito bem te falou, ó rei. É sempre falível o julgamento de quem decide sem ponderação!

ÉDIPO

A fim de revidar um ataque às ocultas urdido contra mim, devo estar pronto, sempre, para a defesa. Se eu esperar tranqüilamente, os planos deste homem serão realizados, e os meus fracassarão.

CREONTE

Que pretendes tu, nesse caso? Exilar-me do país?

ÉDIPO

Não! É tua morte, e não apenas o desterro o que eu quero.

CREONTE

Mas... quando puderes comprovar que eu conspiro contra ti!

ÉDIPO

Falas como quem se dispõe a não obedecer?

CREONTE

Sim, porque vejo que não estás deliberando com discernimento.

ÉDIPO

Só eu sei o que me convém fazer, no meu interesse.

CREONTE

Mas, nesse caso, também o meu interesse deve ser atendido!

ÉDIPO

Mas tu és um traidor!

CREONTE

E se o que afirmas não for verdade?

ÉDIPO

Seja como for, eu devo ser obedecido!

CREONTE

Não, se ordenares o que não for justo!

ÉDIPO

Ó cidade de Tebas!

CREONTE

Também eu posso convocar a cidade;  
ela não é tua, exclusivamente!

O CORO

Acalmai-vos, ó Príncipes! Muito a propósito vem ter convosco a rainha Jocasta; vejo-a neste momento sair do palácio. Ela dará, certamente, a vosso dissídio, feliz solução.

*Entra JOCASTA*

JOCASTA

Por que provocastes, infelizes, esse imprudente debate? Não vos envergonhais em discutir questões íntimas, no momento em que atroz calamidade cai sobre o país? Volta a teu palácio, Édipo; e tu, Creonte, a teus aposentos. Não exciteis com palavras vãs, uma discórdia funesta.

CREONTE

Édipo, teu marido, ó minha irmã, julga acertado tratar-me cruelmente, impondo-me ou o desterro para longe da pátria, ou a morte.

ÉDIPO

É verdade, minha esposa. Acusei-o de conspirar contra a minha pessoa.

CREONTE

Que seja eu desgraçado! Que morra maldito se cometi a perfidia de que me acusas!

JOCASTA

Pelos deuses, Édipo, — crê no que ele te diz! E crê, não só pelo juramento que proferiu, mas também em atenção a mim e a todos quantos estão presentes!

O CORO

Deixa-te persuadir, rei Édipo! Nós te pedimos!

ÉDIPO

Como, e em que, desejas que eu ceda?

O CORO

Este homem não é criança, Édipo! Se prestou tão solene juramento, respeita-o!

ÉDIPO

Sabeis, acaso, o que ele pretende?

CORIFEU

Eu sei!

ÉDIPO

Explica-te, pois!

CORIFEU

Não acuses por uma vaga suspeita, e não lances à desonra um amigo que se votou, ele próprio, à eterna maldição!

ÉDIPO

Sabes que tal pedido equivale a querer minha morte, ou meu exílio para país distante?

CORIFEU

Não! Pelo Deus supremo! Por Hélios! Que eu morra, detestado pelos deuses e pelos homens se tiver semelhante pensamento! Mas a desgraça que me aflige, e a todo o povo de Tebas, já é bastante; não queiramos acrescentar-lhe novos motivos de desgosto!

ÉDIPO

Que ele se retire, pois, ainda que disso resulte minha morte, ou meu desterro! Cedo a vosso pedido, ó tebanos! — e não ao dele; só o vosso me comoveu! Creonte, esteja onde estiver, ser-me-á sempre odioso!

CREONTE

Cedeste contra a vontade, vê-se bem; mas sentirás remorsos, quando tua cólera se extinguir. Um caráter como o teu é uma fonte de dissabores.

ÉDIPO

Não me deixarás, finalmente, em paz? Queres, ou não, sair de Tebas?

CREONTE

Sim! Eu partirei! Doravante não me verás, nunca mais! Para os tebanos, porém, serei sempre o mesmo!

*(Sai CREONTE)*

CORIFEU

Ó rainha, por que não conduzes teu marido para o palácio?

JOCASTA

Farei o que pedes, quando souber o que se passou.

CORIFEU

Fúteis palavras provocaram vagas suspeitas; ora, mesmo o que carece de fundamento muita vez nos corrói o coração.

JOCASTA

E as ofensas foram recíprocas?

CORIFEU

Oh! Certamente que sim.

JOCASTA

E que diziam eles?

CORIFEU

Melhor fora, ó rainha, encerrar este conflito no ponto em que ficou, pois já nos amargura demais o infortúnio de nosso país.

ÉDIPO

Vês tu a que situação chegámos, apesar de tuas boas intenções? E tudo porque descuraste de meus interesses, e deixaste diminuir a afeição que tinhas por mim.

O CORO

Já muitas vezes te dissemos, ó príncipe, que nós seríamos, em nossa própria opinião, loucos e imprudentes se te abandonássemos agora, a ti, que nos puseste no bom caminho quando a pátria sucumbia! Sê, pois, hoje como outrora, o nosso guia!

*Momento de silêncio*

JOCASTA

Mas, pelos deuses, Édipo, dize-me: por que razão te levaste a tão forte cólera?

ÉDIPO

Vou dizer-te, minha mulher, porque te venero mais do que a todos os tebanos! Foi por causa de Creonte, e da trama que urdiu contra mim.

JOCASTA

Explica-me bem o que houve, para que eu veja se tuas palavras me convencem.

ÉDIPO

Ele presume que tenha sido eu o matador de Laio!

JOCASTA

Mas... descobriu ele isso, ou ouviu de alguém?

## ÉDIPO

Ele insinuou isso a um adivinho, um simples impostor, porquanto ele próprio nada se atreve a afirmar.

## JOCASTA

Ora, não te preocupes com o que dizes; ouve-me, e fica sabendo que nenhum mortal pode devassar o futuro. Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apolo em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento. No entanto, — todo o mundo sabe e garante, — Laio pereceu assassinado por salteadores estrangeiros, numa encruzilhada de três caminhos. Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível. Nessa ocasião, Apolo deixou de realizar o que predisse!... Nem o filho de Laio matou o pai, nem Laio veio a morrer vítima de um filho, morte horrenda, cuja perspectiva tanto o apavorava! Eis aí como as coisas se passam, conforme as profecias oraculares!

Não te aflijas, pois; o que o deus julga que deve anunciar, ele revela pessoalmente!

*Momento de silêncio*

ÉDIPO

Como esta narrativa me traz a dúvida ao espírito, mulher! Como me conturba a alma!...

JOCASTA

Que inquietação te pode causar esta lembrança do nosso passado?

ÉDIPO

Suponho que disseste ter sido Laio assassinado numa tríplice encruzilhada?

JOCASTA

Sim; disseram então, e ainda agora o afirmam.

ÉDIPO

E onde se deu tamanha desgraça?

JOCASTA

Na Fócida, no lugar exato em que a estrada se biparte nos caminhos que vão para Delfos e para Dáulis.

ÉDIPO

E há quanto tempo aconteceu isso?

JOCASTA

A notícia aqui chegou pouco antes do dia em que foste aclamado rei deste país.

ÉDIPO

Ó Júpiter! Que quiseste fazer de mim?

JOCASTA

Dize-me, Édipo, que é que tanto te impressiona assim?

ÉDIPO

Não me perguntes nada, ainda. Como era então Laio? Que idade teria?

JOCASTA

Era alto e corpulento; sua cabeça começava a branquear. Parecia-se um pouco contigo(15).

ÉDIPO

Ai de mim! Receio que tenha proferido uma tremenda maldição contra mim mesmo, sem o saber!

JOCASTA

Que dizes tu? Teu semblante causa-me pavor, ó príncipe!

ÉDIPO

Estou aterrado pela suposição de que o adivinho tenha acertado... Mas tu me elucidarás melhor, se acrescentares algumas informações.

JOCASTA

Também eu me sinto inquieta... mas responderei imediatamente a tuas perguntas.

ÉDIPO

Viajava o rei Laio com reduzida escolta, ou com um grande número de guardas, como um poderoso soberano que era?

JOCASTA

Ao todo eram cinco os viajantes, entre os quais um arauto. Um só carro conduzia Laio (16).

ÉDIPO

Ah! Agora já se vai esclarecendo tudo... Mas quem te forneceu estas minúcias, senhora?

JOCASTA

Um servo que voltou, o único que conseguiu salvar-se.

ÉDIPO

E vive ainda no palácio, esse homem?

JOCASTA

Não. Quando voltou a Tebas, e viu que tu exercias o poder real, em substituição ao falecido rei Laio, ele me pediu, encarecidamente, que o mandasse para o campo, a pastorear os rebanhos, para que se visse o mais possível longe da cidade. E eu atendi a esse pedido, pois na verdade, mesmo sendo ele um escravo, merecia ainda maior recompensa.

ÉDIPO

Seria possível trazê-lo imediatamente ao palácio?

JOCASTA

Certamente. Mas... para que, chamá-lo?

ÉDIPO

É que eu receio, senhora, já ter descoberto muita coisa do que ele me vai dizer.

JOCASTA

Pois ele virá. Mas também eu tenho o direito de saber, creio eu, o que tanto te inquieta.

ÉDIPO

Não te recusarei essa revelação, visto que estou reduzido a uma última esperança. A quem poderia eu, com mais confiança, fazer uma confidencia de tal natureza, na situação em que me encontro?

*Momento de silêncio*

ÉDIPO

*(Prosseguindo, em tom de confidência).*  
Meu pai é Políbio, de Corinto; minha mãe, Mérope, uma dória. Eu era considerado como um dos mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente fortuito, que me devia surpreender, realmente, mas que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjeitado. Possuído de justa indignação, contive-me naquele momento, mas no dia imediato procurei meus pais e interroguei-os a respeito. Eles irritaram-se contra o autor da ofensa, o que muito me agradou,

pois o fato me havia profundamente impressionado. À revelia de minha mãe, e de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apolo nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, para viver num lugar onde nunca se pudessem realizar — pensava eu — as torpezas que os funestos oráculos haviam prenunciado. Caminhando, cheguei ao lugar onde tu dizes que o rei pereceu. A ti, mulher, vou dizer a verdade, do princípio ao fim (17). Seguia eu minha rota, quando cheguei àquela tríplice encruzilhada; ali, surgem-me pela frente, em sentido contrário, um arauto, e logo após, um carro tirado por uma parelha de cavalos, e nele um homem tal como me descreveste. O cocheiro e o viajante empurraram-me violentamente para fora da estrada. Furioso, eu ataquei o cocheiro; nesse momento passava o carro a meu lado, e o viajante chicoteou-me na

cara com o seu duplo rebenque. Ah! mas ele pagou caro essa afronta; ergui o bordão com que viajava, e bati-lhe, com esta mão; ele caiu, à primeira pancada, no fundo do carro. Atacado, matei os outros(18). Se aquele velho tinha qualquer relação com Laio, quem poderá ser mais desgraçado no mundo do que eu? Que homem será mais odiado pelos deuses? Nenhum cidadão, nenhum forasteiro o poderá receber em sua casa, nem dirigir-lhe a palavra... Todos terão que me repelir... E o que é mais horrível é que eu mesmo proferi essa maldição contra mim! A esposa do morto, eu a maculo tocando-a com minhas mãos, porque foram minhas mãos que o mataram... Não sou eu um miserável, um monstro de impureza? Não é forçoso que me exile, e que, exilado, não mais possa voltar a minha pátria de origem, nem ver os que me eram caros, visto que estou fadado a unir-me a minha mãe, e a matar meu pai, a Políbio, o homem que me deu a vida e me criou? Não pensaria bem aquele que afirmasse que meu destino é obra de um deus malvado e inexorável? Ó Potestade divina, não, e não! Que eu desapareça dentre os humanos antes que sobre mim caia tão acerba vergonha!

CORIFEU

Também a nós, ó rei! também a nós tudo isso emociona; mas tem esperança, aguardando a testemunha que tudo esclarecerá!

ÉDIPO

Oh! Sim! É a única esperança que me resta, a palavra desse pastor que aí vem.

JOCASTA

E por que a presença desse homem te poderá tranquilizar?

ÉDIPO

Vou dizer-te já: se o seu depoimento coincidir com o que disseste, eu estou salvo!

JOCASTA

Que revelação teria sido essa, tão importante, que ouviste de mim?

ÉDIPO

Conforme declaraste há pouco, esse homem dissera que Laio foi assassinado por salteadores. Se ele persistir em tal afirmativa, não teria sido eu o assassino, pois ninguém confunde um homem só com vários. Mas se ele se referir a um só

agressor, é evidente que fui eu o autor do crime!...

JOCASTA

Sim! Certamente! Ele o disse, e não poderá agora negar seu testemunho! Todo o povo o ouviu, então; não fui eu a única. No entanto, ainda que mude agora sua narração, nunca poderá provar que a morte de Laio foi obra tua, visto que pelo oráculo de Apolo o rei devia morrer às mãos de meu filho; ora, esse filho infeliz não poderia ter ferido a Laio, porque morreu antes dele. Em tal caso, eu não daria mais nenhum valor aos oráculos!...(19)

ÉDIPO

Tens razão. Manda, pois, chamar esse escravo, sem demora.

JOCASTA

Vou mandar, imediatamente! Mas entremos no palácio. Nada quero fazer, que te desagrade.

*(Saem ÉDIPO e JOCASTA)*

O CORO

Possa eu conservar a mais santa pureza quer em minhas palavras, quer em

minhas ações! Possa eu obedecer na vida, às leis sublimes, instituídas pela Providência Divina, da qual é o Olimpo o supremo pai! Não as criou a natureza mortal dos humanos, e nunca as apagará o sono do esquecimento; vive nelas uma potestade divina, a que a velhice não pode atingir.

O orgulho é que produz o tirano (20); e quando tiver em vão acumulado excessos e imprudências, precipitar-se-á do fastígio de seu poder num abismo de males, de onde não mais poderá sair! Mas suplicamos ao deus que não cesse a campanha pela salvação da cidade; a divindade será sempre a nossa protetora.

A todo aquele que se mostrar prepotente por suas ações ou por suas palavras: que não venera santuários, nem respeita a Justiça, — que uma funesta morte o castigue, punindo-o por sua insolência! Se ele fizer fortuna, pelo sacrilégio e pela impiedade, quem mais quererá manter o domínio de sua alma? Se tão nefandos crimes merecem honrarias, de que vale entoar cânticos em louvor dos deuses? Não mais iremos ao santuário central da terra a fim de prestar culto ao deus, nem ao templo de Abê, nem a

Olímpia, se esses oráculos não mais se realizarem, de modo que possam ser citados como exemplo a todos os homens. Ó deus todo-poderoso, se mereces esse título, Zeus, senhor supremo, que isso não passe despercebido a teu poder imortal; se de nada valeram os oráculos enviados a Laio, serão desprezados; Apolo não mais será honrado com o devido esplendor, e o culto dos deuses desaparecerá!

*Entra JOCASTA acompanhada por suas damas de companhia*

JOCASTA

Senhores desta cidade, tive a idéia de levar aos templos dos deuses estas coroas, e estes perfumes. Édipo continua perturbado por inquietação terrível... Recusa-se a interpretar de modo sensato os oráculos novos de acordo com os antigos; ao contrário, confia em quantos lhe venham dizer coisas apavorantes! Visto que por minhas súplicas nada consegui de ti, Apolo Lício, que és o deus mais próximo de nós, irei, como suplicante, com estes dons votivos, para que, dissipando todas as sombras do terror, nos tragas a tranqüilidade. Todos nós nos sentimos amedrontados, como marinheiros que vêem o seu piloto em desatino.

*Enquanto ela depõe suas oferendas, surge um MENSAGEIRO*

MENSAGEIRO

Poderíeis dizer-me, ó estrangeiros, onde fica o palácio do rei Édipo? Dizei-me, sobretudo: — onde está o rei?

CORIFEU

Seu palácio, ei-lo aqui. O rei está em seus aposentos. Aqui está a rainha, sua esposa e mãe de seus filhos(21).

MENSAGEIRO

Que viva sempre feliz, a esposa legítima desse homem!

JOCASTA

E que o mesmo aconteça a ti, peregrino, porque bem o mereces, por tuas bondosas palavras. Mas dize por que vieste, e que notícias nos queres anunciar.

MENSAGEIRO

Coisas favoráveis para tua casa, e teu marido, senhora.

JOCASTA

De que se trata? De onde vens tu?

MENSAGEIRO

De Corinto. A notícia que te trago ser-te-á muito agradável; sem dúvida que o

será; mas pode também causar-te alguma contrariedade.

JOCASTA

Mas que notícia será essa, que produz, assim, um duplo efeito?

MENSAGEIRO

Os cidadãos do Istmo(22) resolveram aclamar rei a Édipo, segundo dizem todos.

JOCASTA

Quê? O venerando Políbio já não exerce o poder?

MENSAGEIRO

Não... A morte levou-o à sepultura.

JOCASTA

Que dizes tu? Morreu Políbio?

MENSAGEIRO

Que eu pereça já, se não for a pura verdade!

JOCASTA

Mulher, corre! Vai, ligeira, dar esta notícia ao rei. Oh! Que será dos oráculos sagrados! Foi com receio de matar a esse homem, que Édipo se exilou; e agora se vê

que não foi morto por Édipo, mas sim pelo destino!

*Entra ÉDIPO*

ÉDIPO

Jocasta, minha querida esposa, por que me mandaste chamar?

JOCASTA

Ouve o que diz este homem, e vê de que valem os oráculos do deus!

ÉDIPO

Quem é ele, e que novas nos traz?

JOCASTA

Acaba de chegar de Corinto, e comunica-nos que Políbio, teu pai, deixou de viver.

ÉDIPO

Que dizes, estrangeiro?! Fala tu mesmo!

MENSAGEIRO

Se deve ser essa a minha primeira declaração, eu a confirmo; sabe que teu pai faleceu.

ÉDIPO

Foi vítima de alguma traição, ou por enfermidade?

MENSAGEIRO

Por pequeno que seja, um abalo moral pode matar um homem idoso.

ÉDIPO

Pelo que vejo, ele morreu em conseqüência de alguma doença.

MENSAGEIRO

Ele já não era jovem!

ÉDIPO

Ora eis aí, minha mulher! Para que, pois, dar tanta atenção ao solar de Delfos, e aos gritos das aves no ar? Conforme o oráculo, eu devia matar meu pai; ei-lo já morto, e sepultado, estando eu aqui, sem ter sequer tocado numa espada... A não ser que ele tenha morrido de desgosto, por minha ausência... caso único em que eu seria o causador de sua morte! Morrendo, levou Políbio consigo o prestígio dos oráculos; sim! os oráculos já não têm valor algum!

JOCASTA

E não era isso o que eu dizia, desde muito tempo?

ÉDIPO

Sim; é a verdade; mas o medo me apavorava.

JOCASTA

Doravante não lhes daremos mais atenção.

ÉDIPO

Mas... não deverei recear o leito de minha mãe?

JOCASTA

De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A idéia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranqüilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores.

ÉDIPO

Terias toda a razão se minha mãe não fosse viva; mas, visto que ela vive ainda,

sou forçado a precaver-me, apesar da justiça de tuas palavras.

JOCASTA

No entanto, o túmulo de teu pai já é um sossego para ti!

ÉDIPO

Certamente! Mas sempre receio aquela que vive.

MENSAGEIRO

E quem é a mulher que te causa esses temores?

ÉDIPO

É Mérope, ó velho; que era casada com Políbio.

MENSAGEIRO

E que tem ela, para provocar tantas apreensões?

ÉDIPO

É um oráculo dos deuses, estrangeiro! Um oráculo terrível.

MENSAGEIRO

Podes revelar-me esse oráculo, ou é vedado a outros conhecê-lo?

ÉDIPO

Pois vais saber: Apolo disse um dia que eu me casaria com minha própria mãe, e derramaria o sangue de meu pai. Eis aí por que resolvi, há muitos anos, viver longe de Corinto... Tive razão; mas é tão agradável contemplar o rosto de nossos pais!

MENSAGEIRO

E foi por causa desses receios que te exilaste de lá?

ÉDIPO

Também porque não queria ser o assassino de meu pai, ó velho!

MENSAGEIRO

Oh! Por que não te livreis eu de tais cuidados, eu, que sempre te quis bem?

ÉDIPO

Seguramente, eu te recompensaria por tamanho benefício, como seria de justiça!

MENSAGEIRO

E foi precisamente por isso que aqui vim ter, para que, depois de teu regresso a Corinto, eu possa colher algum proveito.

ÉDIPO

Mas eu não irei residir com os meus parentes, em caso algum!

MENSAGEIRO

Meu filho, vê-se bem que não sabes o que fazes!

ÉDIPO

Por que dizes isso, velho? Pelos deuses, explica-te!

MENSAGEIRO

Se é por esse motivo que não queres retornar a tua casa...

ÉDIPO

Receio que Apolo venha a ser um deus que realmente diga a verdade.

MENSAGEIRO

Temes, pois, praticar um crime de incesto em teu lar?

ÉDIPO

É isso, tão somente, ó velho, o que me assusta!

MENSAGEIRO

Sabes, por acaso, que esse receio absolutamente não se justifica?

ÉDIPO

Como não? Pois se eles foram meus progenitores...

MENSAGEIRO

Políbio nenhum parentesco de sangue tinha contigo!

ÉDIPO

Que dizes?!... Políbio não era meu pai?

MENSAGEIRO

Era-o tanto como eu; nem mais, nem menos!

ÉDIPO

E como se explica que meu pai tenha sido para mim o que é um estranho qualquer?

MENSAGEIRO

É que ele não era teu pai, como eu não sou!

ÉDIPO

E por que me considerava, então, seu filho?

MENSAGEIRO

Porque há muitos anos ele te recebeu,  
de minhas mãos!

ÉDIPO

E apesar de me ter assim recebido,  
queria-me tanto bem!

MENSAGEIRO

Eu explico: até então ele não tinha tido  
filhos...

ÉDIPO

E tu me tinhas achado, ou comprado,  
quando fui por ti entregue a ele?

MENSAGEIRO

Eu te havia encontrado na grotta do  
Citéron.

ÉDIPO

Que fazias tu nesses lugares?

MENSAGEIRO

Eu apascentava ali um rebanho  
montanhês.

ÉDIPO

Eras, então, pastor, e trabalhavas por  
conta de alguém?

MENSAGEIRO

Sim... e fui o teu salvador, meu filho!

ÉDIPO

E de que mal sofria eu, quando me encontraste, em tão miserável situação?

MENSAGEIRO

As articulações de teus pés poderiam dar a prova disso...

ÉDIPO

Que antiga dor tu me recordas assim!

MENSAGEIRO

Eu te desamarrei; tu tinhas as extremidades dos pés furadas.

ÉDIPO

Oh! Que horrível cicatriz eu conservei, desses primitivos anos!

MENSAGEIRO

Daí proveio o nome que te demos (23).

ÉDIPO

Dize-me — pelos deuses! — quem ordenou tal coisa: meu pai, ou minha mãe?

MENSAGEIRO

Não sei dizer; mas aquele que te deixou em minhas mãos certamente saberá.

ÉDIPO

Tu me recebeste, então, de outro? Não me encontraste abandonado?

MENSAGEIRO

Não; foi um pastor que te entregou a mim.

ÉDIPO

Quem é ele? Podes indicá-lo?

MENSAGEIRO

Ele se dizia servo de Laio.

ÉDIPO

Do antigo rei deste país?

MENSAGEIRO

Precisamente! Era um pastor desse rei.

ÉDIPO

Vive ainda esse homem? Ser-me-á possível vê-lo?

MENSAGEIRO

(*Aos Coreutas*) Vós, que viveis nesta cidade, certamente podereis responder melhor do que eu!

ÉDIPO

(*Aos Coreutas*) Há, entre vós, quem conheça o pastor a quem ele se refere, ou que o tenha visto no campo, ou na cidade? Respondei, pois é este o momento em que deve ser esclarecido esse caso.

O CORO

Suponho que se trata do camponês que tu queres ver; mas Jocasta é quem pode certificar-te a respeito.

ÉDIPO

(*A Jocasta*) Senhora, acreditas que o homem a quem mandamos há pouco chamar, seja o mesmo a quem este mensageiro se refere?

JOCASTA

De quem te falou ele? Ora... não penses nisso; o que ele diz não tem importância alguma.

ÉDIPO

É impossível que com tais indícios eu não descubra, afinal, a verdade acerca de meu nascimento.

JOCASTA

Pelas divindades imortais! Se tens amor a tua vida, abandona essa preocupação. (*À parte*) Já é bastante o que eu sei para me torturar!

ÉDIPO

Tranqüiliza-te! Mesmo que eu tivesse sido escravo desde três gerações, tu não serás humilhada por isso!

JOCASTA

Não importa! Escuta-me! Eu te suplico! Não insistas nessa indagação!

ÉDIPO

Em caso algum desistirei de elucidar esse mistério.

JOCASTA

No entanto, é para teu bem que assim te aconselho.

ÉDIPO

Acredito... mas esses conselhos teus há muito me importunam!

JOCASTA

Infeliz! Tomara que tu jamais venhas a saber quem és!

ÉDIPO

(*Aos Coreutas*) Afinal, vai, ou não vai, alguém procurar esse pastor? Deixemo-la orgulhar-se de sua opulenta jerarquia!

JOCASTA

Ai de ti, mísero infeliz! Eis o único título que te posso dar; e nunca mais te tratarei de outra forma!

*Sai JOCASTA. Momento de silêncio.*

CORIFEU

Por que razão, ó rei, tua esposa se retira, possuída de tamanho desespero? Receio bem que dessa estranha atitude possam provir novos dissabores.

ÉDIPO

Que venha o que vier, mas minha origem, por humilde que seja, eu quero conhecer! Ela, sem dúvida, orgulhosa como mulher, envergonha-se por meu baixo nascimento. Eu, porém, considero-me um protegido da Fortuna, e por isso não me sentirei amesquinhado. Sim, ela é que é minha mãe (24); e os anos, que

foram passando, ora me diminuía, ora me exaltavam... Tal é minha origem; nada mais poderá modificá-la. Por que, pois, haveria eu de renunciar a descobrir o segredo de meu nascimento?

O CORO

Se eu posso devassar o futuro, e se tenho lúcido o espírito, ó Citério, tu não verás a próxima lua cheia sem que te veneremos, a ti, como compatriota de Édipo, como seu protetor e pai; nós te festejaremos em danças sagradas, como benfeitor de nossos soberanos. Ó Febo complacente, que minhas palavras te agradem!

Qual teria sido, ó meu filho, destas virgens imortais, a que te concebeu, depois de se ter unido a Pã, teu pai, que erra nas montanhas, ou depois de ter sido amada por Lóxias? Todas as plantas silvestres lhe são queridas! Talvez Mercúrio que domina o Cilênio, ou o deus Baco, que vive nas colinas, te haja recebido como filho por algumas das ninfas do Hélicon, com as quais eles costumam folgar!

*Aproxima-se o velho pastor de Laio, conduzido por dois servos de*  
ÉDIPO

ÉDIPO

Amigos, se me é lícito fazer conjecturas acerca de um homem a quem nunca vi, creio que vem ali o pastor a quem há tanto tempo procuramos. Sua idade está de acordo com a do mensageiro; os dois homens que o acompanham, eu os reconheço; são servos meus. (*Ao Corifeu*) — Tu, porém, que o deves ter visto anteriormente, deves saber mais do que eu.

CORIFEU

Sim; eu o conheço, fica-o sabendo. Ele pertencia a Laio; e era o seu mais dedicado servidor.

ÉDIPO

(*Ao Mensageiro*) Quero que me digas agora, ó mensageiro de Corinto; é esse o homem de quem falavas?

MENSAGEIRO

É ele mesmo! Ei-lo diante de ti!

ÉDIPO

Ó velho, olha bem para mim, e responde a todas as perguntas que te vou propor. Pertenceste outrora a Laio?

O SERVO

Sim; eu era seu escravo; mas ele não me adquiriu; eu fui criado em seu palácio.

ÉDIPO

Que fazias tu? Qual era tua ocupação?

O SERVO

Por quase toda a minha vida tenho sido pastor.

ÉDIPO

Em que sítios permanecias com mais freqüência?

O SERVO

Ora andava pelo Citéron, ora pelas terras próximas.

ÉDIPO

Lembras-te de já ter visto este homem?

O SERVO

Mas que fazia ele? De quem me falas tu?

ÉDIPO

Deste, que aqui está! Já o encontraste alguma vez?

O SERVO

Não posso responder já... Não me recordo bem...

MENSAGEIRO

Isso não me surpreende, senhor! Ele não se recorda, mas eu vou reavivar sua lembrança. Estou certo de que ele me conheceu no Citéron, ele com dois rebanhos, e eu com um só, fomos vizinhos durante três semestres inteiros, da Primavera até reaparecer o Arcturo (25). Depois, voltei para meus estábulos, e ele foi para os apriscos de Laio. Está certo? Não foi isto mesmo?

O SERVO

Dizes bem... Mas isso foi já há muito tempo!

MENSAGEIRO

Vejam agora: lembras-te de me haver confiado uma criança para que eu a criasse, como meu próprio filho?

O SERVO

Que dizes tu? Por que me perguntas isso?

MENSAGEIRO

Eis aqui, meu amigo, aquele que era  
então um menino pequenino!

O SERVO

Desgraçado! Por que não te calas?

ÉDIPO

Não te irrites contra ele, meu velho!  
São as tuas palavras, e não as dele, que  
merecem a nossa indignação.

O SERVO

Que mal fiz eu, bondoso rei?

ÉDIPO

Não respondeste o que devias a  
propósito do menino a quem ele se refere.

O SERVO

Ele fala sem saber, e perde seu tempo.

ÉDIPO

Pois se não responderes por bem,  
responderás à força!

O SERVO

Eu te suplico, — pelos deuses! — não  
faças mal a um velho!

ÉDIPO

Que um de vós lhe amarre imediatamente as mãos às costas!

O SERVO

Que desgraçado que sou! Por que me fazes isso? Que queres tu saber?

ÉDIPO

A criança de quem se trata, tu lhe entregaste?

O SERVO

Sim! Melhor fora que nesse dia eu morresse!

ÉDIPO

Pois é o que te acontecerá hoje, se não confessares a verdade!

O SERVO

Mas... com mais certeza ainda, se eu disser a verdade, estou perdido!

ÉDIPO

Quer me parecer que este homem procura evasivas.

O SERVO

Não! Eu te disse, ó rei; que realmente eu lhe dei a criança.

ÉDIPO

E de quem a recebeste? Era tua? Foi-te entregue por alguém?

O SERVO

Não... Não era minha... Eu a recebi de uma pessoa...

ÉDIPO

De que cidadão tebano? De que família?

O SERVO

Em nome dos deuses eu te peço, ó rei, não me perguntes mais nada!

ÉDIPO

Tu és um homem morto se eu tiver de repetir essa pergunta!...

O SERVO

Pois bem! Aquele menino nasceu no palácio de Laio!

ÉDIPO

Era um escravo? Era um descendente dele, ou de sua família?

O SERVO

Ai de mim! Isso é que me será horrível dizer!

ÉDIPO

E para mim será horrível ouvir! Fala, pois! Assim é preciso!

O SERVO

Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior de tua casa, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade.

ÉDIPO

Foi ela que te entregou a criança?

O SERVO

Sim, rei.

ÉDIPO

E para quê?

O SERVO

Para que eu a deixasse morrer.

ÉDIPO

Uma mãe fez isso! Que desgraçada!

O SERVO

Assim fez, temendo a realização de oráculos terríveis...

ÉDIPO

Que oráculos?

O SERVO

Aquele menino deveria matar seu pai, assim diziam...

ÉDIPO

E por que motivo resolveste entregá-lo a este velho?

O SERVO

De pena dele, senhor! Pensei que este homem o levasse para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para maior desgraça! Porque, se és tu quem ele diz, sabe que tu és o mais infeliz dos homens!

ÉDIPO

Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos agora sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me casei... e... e... eu matei aquele a quem eu não poderia matar!

*Desatinado, ÉdIPO corre para o interior do palácio; retiram-se os dois pastores; a cena fica vazia por algum tempo.*

O CORO

Ó gerações de mortais, como vossa existência nada vale a meus olhos! Qual a criatura humana que já conheceu felicidade que não seja a de parecer feliz, e que não tenha recaído após, no infortúnio, finda aquela doce ilusão? Em face de teu destino tão cruel, ó desditoso Édipo, posso afirmar que não há felicidade para os mortais!

\* \* \*

Tuas ambições, ergueste-as bem alto, e chegaste a possuir a mais promissora riqueza. Ó Júpiter! Só ele pôde vencer a horrenda Esfinge, de garras aduncas e de cantos enigmáticos (26); e assim apresentou-se diante de nós como uma torre de defesa contra a morte. Desde então, ó Édipo, nós fizemos de ti nosso rei, e, consagrado pelas mais altas honrarias, foste o senhor supremo da poderosa Tebas.

\* \* \*

E agora, quem pode haver no mundo, que seja mais miserável? Quem terá sofrido, no decurso da vida, mais rude

abalo, precipitando-se no abismo da mais tremenda ignomínia? Ilustre e querido Édipo, tu que no leito nupcial de teu pai foste recebido como filho, e como esposo, dize: como por tanto tempo esse abrigo paterno te pôde suportar em silêncio?

\* \* \*

Só o tempo, que tudo vê, logrou, enfim, ao cabo de tantos anos, condenar esse himeneu abominável, que fez de ti pai, com aquela de quem eras filho! Filho de Laio, prouvera aos deuses que nunca te houvéramos visto! Condoído, eu choro tua desgraça, com lamentações da mais sincera dor! No entanto, para dizer-te a verdade, foi graças a ti que um dia pudemos respirar tranqüilos e dormir em paz!

*Entra um EMISSÁRIO, que vem do interior do palácio*

EMISSÁRIO

Ó vós, que sereis sempre os chefes mais respeitados deste país, se ainda prezais a família de Lábdaco, ides ouvir tristes notícias, receber profundos golpes, e sofrer lutuosos desgostos! Creio que nem as águas do Íster, nem as do Fásio seriam bastantes para purificar esta casa, tais e tantos são os crimes que nela se

praticaram! Sabereis de novas desgraças, voluntárias, e não impostas; e os males que nós próprios nos causamos são precisamente os mais dolorosos!

CORIFEU

Nada falta, ao que já sabemos, para que nos sintamos todos profundamente penalizados. No entanto, dize: que novas calamidades nos anuncias?

EMISSÁRIO

Uma coisa fácil de dizer, como de ouvir: Jocasta, a nossa rainha, já não vive!

CORIFEU

Oh! Que infeliz! Qual foi a causa de sua morte?

EMISSÁRIO

Ela resolveu matar-se... E o mais doloroso vos foi poupado: vós não vistes o quadro horrendo de sua morte. Dir-vos-ei, no entanto, como sofreu a infeliz. Alucinada, depois de transpor o vestíbulo, atirou-se em seu leito nupcial, arrancando os cabelos em desespero. Em seguida, fechou violentamente as portas, e pôs-se a chamar em altos brados por Laio, recordando a imagem do filho que ela teve

há tantos anos, o filho sob cujos golpes deveria o pai morrer, para que ela tivesse novos filhos, se é que estes merecem tal nome! Presa da maior angústia, ela se lastimava em seu leito, onde, conforme dizia, tivera uma dupla e criminoso geração. Como teria morrido, não sei dizer, pois Édipo, aos gritos, precipitou-se com tal fúria, que não pude ver a morte da rainha. Todos os nossos olhares voltaram-se para o rei, que, desatinado, corria ao acaso, ora pedindo um punhal, ora reclamando notícias da rainha, não sua esposa, mas sua mãe, a que deu a luz a ele, e a seus filhos. No seu furor invocou um deus, — não sei dizer qual, pois isto foi longe de mim! Então, proferindo imprecações horríveis, como se alguém lhe indicasse um caminho, atirou-se no quarto. Vimos então, ali, a rainha, suspensa ainda pela corda que a estrangulava... Diante dessa visão horrenda, o desgraçado solta novos e lancinantes brados, desprende o laço que a sustinha, e a mísera mulher caiu por terra. A nosso olhar se apresenta, logo em seguida, um quadro ainda mais atroz: Édipo toma seu manto, retira dele os colchetes de ouro com que o prendia, e com a ponta recurva arranca das órbitas

os olhos, gritando: “Não quero mais ser testemunha de minhas desgraças, nem de meus crimes! Na treva, agora, não mais verei aqueles a quem nunca deveria ter visto, nem reconhecerei aqueles que não quero mais reconhecer!” Soltando novos gritos, continua a revolver e macerar suas pálpebras sangrentas, de cuja cavidade o sangue rolava até o queixo (27) e não em gotas, apenas, mas num jorro abundante. Assim confundiram, marido e mulher, numa só desgraça, as suas desgraças! Outrora gozaram uma herança de felicidade; mas agora nada mais resta senão a maldição, a morte, a vergonha, não lhes faltando um só dos males que podem ferir os mortais.

CORIFEU

E o desgraçado rei está mais tranqüilo agora?

EMISSÁRIO

Ele grita que lhe abram as portas; que mostrem a todos os tebanos o parricida, o filho que... nem posso repetir-vos, cidadãos, as palavras sacrílegas que ele pronuncia... Quer sair, em rumo do exílio; não quer continuar no palácio depois da maldição terrível que ele mesmo proferiu.

No entanto, ele precisa de um guia, e de um apoio, pois seu mal é grande demais para que sozinho o suporte. Ele aí vem, e vo-lo mostrará. Ides ver um espetáculo que comoveria o mais feroz inimigo...

*Entra ÉDIPO, ensangüentado, e com os olhos vazados*

CORIFEU

Ó sofrimento horrível de ver-se! Eis o quadro mais horripilante que jamais tenho presenciado em minha vida! Que loucura, — ó infeliz! — caiu sobre ti? Que divindade levou ao cúmulo o teu destino sinistro, esmagando-te ao peso de males que ultrapassam a dor humana?

Oh! Como és infeliz! Não tenho coragem, sequer, para volver meus olhos e contemplar-te assim; no entanto, eu quereria ouvir-te, interrogar-te, e ver-te! Tal é o arrepio de horror que tu me causas!

ÉDIPO

*(Caminhando sem rumo certo)* Pobre de mim! Para onde irei? Para que país? Onde se fará ouvir a minha voz? Ó meu destino, quando acabarás de uma vez?!...

CORIFEU

Numa miséria extrema, que não poderemos ver, nem imaginar!

ÉDIPO

Ó nuvem sombria, execrável treva que caiu sobre mim, escuridão pavorosa e sem remédio! Ai de mim! Como me traspassam as dores do meu sofrimento e a lembrança de meu infortúnio!

CORIFEU

No meio de tanta amargura é natural que te lamentes, infeliz, como vítima de duas desgraças!

ÉDIPO

Tu és o único amigo que me resta, visto que tens pena deste mísero cego... Eu sei que estás aí... Na escuridão em que estou, reconheço tua voz!

CORIFEU

Que horrível coisa fizeste, ó Édipo! Como tiveste coragem de ferir assim os olhos? Que divindade a isso te levou?

ÉDIPO

Foi Apolo! Sim, foi Apolo, meus amigos, o autor de meus atrozes sofrimentos! Mas ninguém mais me

arrancou os olhos; fui eu mesmo!  
Desgraçado de mim! Para que ver, se já  
não poderia ver mais nada que fosse  
agradável a meus olhos?

CORIFEU

Realmente! É como dizes!

ÉDIPO

Que mais posso eu contemplar, ou  
amar na vida? Que palavra poderei ouvir  
com prazer? Oh! Levai-me para longe  
daqui, levai-me depressa para bem longe.  
Eu sou um réprobo, um maldito, a  
criatura mais odiada pelos deuses, entre  
os mortais!

CORIFEU

Como inspiras piedade, pelo  
sentimento, que tens, de tua sorte infeliz!  
Ah! Bom seria, que eu nunca te houvesse  
conhecido!

ÉDIPO

Que morra aquele que, na deserta  
montanha, desprendeu meus pés feridos, e  
salvou-me da morte, mas salvou-me para  
minha maior desgraça! Ah! Se eu tivesse  
então perecido, não seria hoje uma causa  
de aflição e horror para mim, e para todos!

CORIFEU

Também eu assim preferiria!

ÉDIPO

Eu não teria sido o matador de meu pai, nem o esposo daquela que me deu a vida! Mas... os deuses me abandonaram: fui um filho maldito, e fecundei no seio que me concebeu! Se há um mal pior que a desgraça, coube esse mal ao infeliz Édipo!

CORIFEU

Teria sido razoável tua resolução, ó Édipo? Não sei dizer, na verdade, se te seria preferível a morte, a viver na cegueira.

ÉDIPO

Não queiras convencer-me de que eu deveria ter agido de outra forma! Não me dê conselhos! Não sei como poderia defrontar-me, no Hades, com meu pai, ou com minha infeliz mãe, porque cometi contra eles crimes que nem a força poderia punir! E o semblante de meus filhos, nascidos como foram, como me seria possível contemplar? Não! Nunca mais poderia eu vê-los, nem ver a cidade, as muralhas, as estátuas sagradas dos

deuses! Pobre de mim! Depois de ter gozado em Tebas uma existência gloriosa, dela me privei voluntariamente, quando a todos vós ordenei que expulsassem da cidade o sacrílego, aquele que os deuses declararam impuro, da raça de Laio! Descoberta, em mim mesmo, essa mancha indelével, ser-me-ia lícito contemplar os cidadãos tebanos, sem baixar os olhos? Ah! Certamente que não! E se fosse possível evitar que os sons nos penetrassem pelos ouvidos, eu privaria também da audição este miserável corpo, para que nada mais pudesse ver, nem ouvir, — pois deve ser um alívio ter o espírito insensível às próprias dores!...

*Momento de silêncio*

Ó Citéron, por que me recolheste? Por que, quando me deste abrigo, não me tiraste a vida? Assim eu nunca revelaria aos homens o segredo do meu nascimento. Ó Políbio, ó cidadão de Corinto, velho palácio que eu supunha ser o meu lar paterno, quantos opróbrios deixastes crescer comigo, sob a aparente beleza que os ocultava! Porque hoje sou um criminoso, e descendente de criminosos, todo o mundo o sabe! Ó tríplice encruzilhada! Vale sombrio, bosques de

carvalhos, vós que absorvestes o sangue que era meu, — o sangue de meu pai! — que eu próprio derramei, lembrai-vos acaso dos crimes que então cometi, e dos que pratiquei mais tarde? Ó funesto himeneu, a que devo a vida, e que me facultou germinar pela segunda vez a mesma semente; por que mostraste um dia um pai irmão de seus filhos, filhos irmãos de seu pai, e uma esposa que era também mãe de seu marido!? Quanta torpeza pôde ocorrer entre criaturas humanas! Vamos! Não fica bem relembrar o que é hediondo fazer-se; apressai-vos, — pelos deuses! — em esconder-me longe daqui, seja onde for! Matai-me, atirai-me ao mar, ou num abismo onde ninguém mais me veja! Aproximai-vos: não vos envergonheis de tocar num miserável; crede, e não temais; minha desgraça é tamanha, que ninguém mais, a não ser eu, pode sequer imaginá-la!

CORIFEU

Aí vem Creonte! no momento oportuno, para fazer certamente o que tu pedes, ou dar-te conselhos mais prudentes. Só ele, com efeito, resta, para te substituir no governo da cidade.

ÉDIPO

Que lhe hei-de dizer? Que posso eu dele esperar, eu, que fui tão injusto para com ele?

*Entra CREONTE*

CREONTE

Não venho aqui para te insultar, Édipo, nem para censurar teus erros de outrora. Mas vós, tebanos, se não respeitais a jerarquia dos homens, ao menos em consideração pela chama sagrada de Hélio, que anima a natureza, não deveis exhibir assim sem um manto, este ser impuro, a quem nem a chuva, nem a luz podem beneficiar. Conduzi este homem, imediatamente, ao interior do palácio; só entre os parentes, e deles tão somente é que há sentimentos de piedade ao ver e ouvir os males dos que lhes são caros.

ÉDIPO

Em nome dos deuses! Visto que, contra minha expectativa, mostras tanta generosidade para com o maior dos criminosos, escuta-me! É no teu interesse que vou falar.

CREONTE

E que queres tu obter de mim?

ÉDIPO

Manda-me para fora deste país o mais depressa possível! Para um lugar onde ninguém me veja, nem possa dirigir a palavra a nenhum ser humano!

CREONTE

Eu já teria agido assim, fica-o sabendo, se não preferisse, antes de tudo, consultar o deus acerca do que convém que se faça.

ÉDIPO

Mas a resposta é perfeitamente conhecida; o parricida, o ímpio, é urgente matar.

CREONTE

Sim; é o que se diz... mas na situação em que nos achamos, é melhor saber exatamente o que se deve fazer.

ÉDIPO

Resolveste, então, consultar o oráculo por causa de um miserável?

CREONTE

E desta vez tu hás-de dar crédito à sua resposta!

ÉDIPO

Pois bem: eu te peço agora que tu mesmo dês sepultura, como julgares conveniente, àquela que jaz no palácio... Certamente cumprirás esse dever piedoso para quem tinha o mesmo sangue teu... Quanto a mim, não queiras que a cidade de meu pai me tenha como habitante, enquanto eu vivo for; ao contrário, deixa-me ir para as montanhas, para o Citéron, minha triste pátria, que meus genitores escolheram para meu túmulo, — para que eu morra por lá, como eles queriam que eu morresse. Aliás, eu bem compreendo, que não será por doença, ou coisa semelhante, que terminarei meus dias; nunca foi alguém salvo da morte, senão para que tenha qualquer fim atroz. Mas, que meu destino siga seu curso! Quanto a meus filhos, Creonte, não te preocupes com os rapazes; são homens, e, onde quer que estejam, não lhes faltarão meios de vida. Mas, de minhas infelizes filhas, tão dignas de piedade, para quem nunca foi posta a mesa sem que eu estivesse ao lado, e que de minhas mãos recebiam sempre um pouco do alimento que para mim se preparava, oh! tem pena delas, eu te peço, e consente que eu ainda as acaricie com estas mãos, e que ainda deplore com elas a nossa desdita! Eu te conjuro, ó rei, de tão

nobre raça! Tocando-lhes com as mãos, eu acreditarei que as vejo, como no tempo em que as via realmente... Mas... que estou dizendo? Creio ouvir, ó deuses! o choro de minhas filhas!... Creonte, foi de pena de mim que mandaste chamar minhas filhas? Será verdade?

CREONTE

Sim... fui eu que as mandei chamar; compreendi o desejo que sentes, e que tanto te preocupava.

*Entram ANTÍGONE e ISMÊNIA, muito jovens, conduzidas por uma escrava. Elas se aproximam do pai.*

ÉDIPO

Ora bem! Sê feliz, Creonte! Porque as mandaste vir até aqui, que os deuses te protejam, mais do que a mim! Onde estais vós, minhas filhinhas? Vinde ter comigo... Vinde a estas mãos... fraternas! Foram elas que, como vedes, privaram de luz os olhos, outrora tão brilhantes, de vosso pai! Eu nada via... e nada sabia, minhas filhas; mas eu vos dei a vida no mesmo seio do qual eu próprio havia nascido... E choro por vós, porque nunca mais vos verei, e porque penso nas amarguras que tereis de suportar pela vida além... A que assembléias de tebanos, a que festas

solenes podereis comparecer, sem que volteis com os olhos banhados de lágrimas, impedidas de vê-las? E quando atingirdes a idade florida do casamento, quem será... sim! — quem será bastante corajoso para receber todos os insultos, que serão um eterno flagelo para vós, e para vossa prole? Que mais falta para vossa infelicidade? Vosso pai? Mas ele matou seu pai, casou-se com sua mãe, e desse consórcio é que vós nascestes. Eis as injúrias com que vos perseguirão... Quem vos quererá por esposa? Ninguém! Ninguém, minhas filhas! Tereis de viver na solidão e na esterilidade. Filho de Meneceu, visto que tu serás doravante o único pai que elas terão, — porquanto sua mãe, e eu, que lhes demos a vida, já não viveremos! — não deixes que estas meninas sejam obrigadas a vagar, mendigando; não consintas que sua desgraça se agrave em consequência da minha. Tem pena delas, vendo-as, tão jovens, privadas de todo o apoio, exceto o que lhes concederes. Dá-me um sinal de teu assentimento, homem generoso; toca-me com tua mão!... E vós, minhas filhas, se me pudesses compreender eu vos daria conselhos; procurai sempre ter uma

existência mais feliz do que a de vosso pai,  
onde quer que possais viver!

CREONTE

Já choraste demais; volta agora ao  
palácio!

ÉDIPO

Sou forçado a obedecer, bem a meu  
pesar!

CREONTE

Tudo aquilo que se faz a tempo, dá  
bom resultado.

ÉDIPO

Sabes sob que condição eu irei?

CREONTE

Dize, pois! Quando as ouvir, ficarei  
sabendo.

ÉDIPO

Tu me banirás deste país.

CREONTE

O que pedes, só o deus te pode  
conceder.

ÉDIPO

Mas eu sempre fui odiado pelas divindades!

CREONTE

Em tal caso, alcançarás o que desejas.

ÉDIPO

O que dizes é verdade?

CREONTE

Não me agrada dizer o que não penso.

ÉDIPO

Leva-me para longe daqui!

CREONTE

Vem, pois... Deixa estas crianças!

ÉDIPO

Oh! não me prives disso, não! Eu te peço!

CREONTE

Não queiras satisfazer todas as tuas vontades, Édipo! Bem sabes que tuas vitórias anteriores não te asseguraram a felicidade na vida!

*ÉDIPO, conduzido por CREONTE, entra, vagarosamente, no palácio; acompanham-no as duas meninas e os servos do rei.*

CORIFEU

Habitantes de Tebas, minha Pátria!  
Vede este Édipo, que decifrou os famosos  
enigmas! Deste homem, tão poderoso,  
quem não sentirá inveja? No entanto, em  
que torrente de desgraças se precipitou!  
Assim, não consideremos feliz nenhum ser  
humano, enquanto ele não tiver atingido,  
sem sofrer os golpes da fatalidade, o termo  
de sua vida.

FIM

## Notas

\* — A tradução, aqui, como no volume XXII da “Clássicos Jackson”, é atribuída a J.B. de Mello e Souza, autor do Prefácio e das notas introdutórias às tragédias de Êsquilo, Sófocles e Eurípides que figuram no volume. Não sei se, “por razões editoriais”, atribuiu-se ao emérito professor, por seu renome, a tradução de todo o volume, em vez de atribuir-lhe a organização do mesmo. É o que se depreende das palavras do próprio João Baptista de Mello e Souza no Prefácio:

“Tais considerações justificam, à saciedade, a preferência dada, *na elaboração do presente volume*, às traduções em prosa de algumas tragédias entre as mais famosas do teatro ateniense. Por exceção *insere-se* apenas uma em verso solto (o *Hipólito*, de Eurípides), completando-se destarte a série agora apresentada com um trabalho antigo, *de tradutor português desconhecido*, que venceu com certa galhardia as dificuldades do empreendimento.” [g.n.]

O professor João Baptista de Mello e Souza foi, por anos, professor de história

no Colégio Mello e Souza e marcou gerações com seus ensinamentos. É de Afonso Arinos, em suas *Memórias*, este testemunho sobre a importância que teve em sua formação as aulas por ele dadas: “A matéria que mais me encantava era a História do Brasil, dada pelo mesmo (J.B. Mello e Souza).”; “Creio que toda a minha inclinação posterior pelos estudos históricos data desse fecundo aprendizado inicial.” (ap. Alberto Venancio Filho, *A Historiografia Republicana: A contribuição de Afonso Arinos*, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p.151-160.)

Esta tradução serviu de base a diversas edições, em papel e digitais, algumas disponíveis na web, normalmente sem o crédito ao Tradutor e/ou organizador do volume XXII da “Clássicos Jackson” e as notas de pé de página. [N.E.]

(\*) — Acrescentado CORIFEU, que não constava na fonte digitalizada. [NE]

(1) — Conforme antigo costume grego, os que tinham alguma súplica a fazer aos deuses acercavam-se dos altares trazendo ramos de louros, ou de oliveira, enfeitados com fitas de lã.

(2) — Havia em Tebas dois templos dedicados a Minerva (Palas) e um a Apolo, junto do Ismênio, no qual, segundo Heródoto (VIII, 134) se colhiam bons oráculos.

(3) — Ter à cabeça uma coroa de louros significava ter ganho um prêmio, ou ser portador de uma notícia auspiciosa.

4 — Os gregos supunham que, por intermédio da sacerdotisa de Delfos, falava pelo oráculo o próprio deus Apolo.

5 — “Causa o sangue o flagelo sobre a cidade”, diz, literalmente, Sófocles.

(6) — Os interpretadores assinalam esta passagem como sendo das mais notáveis da tragédia, pois Édipo vai fazer o contrário do que diz, numa anfibologia trágica, usada com freqüência por Sófocles.

(7) — Literalmente: “às plagas do deus ocidental”, porque, para os gregos, o Hades, região dos mortos, ficava na zona escura do mundo, isto é, no Ocidente, visto que a luz vinha do Oriente.

(\*\*) — “péan” no texto digitalizado. Grafia atualizada: [N.E.]

(8) — Justifica-se essa alegoria, visto que Marte, além de ser deus da guerra, era-o também da peste, a que se refere o sumo sacerdote, em sua primeira fala.

(9) — Um dos títulos conferidos ao deus Apolo, por ter nascido na Lácia. (Cf. Horácio, III, ode IV).

(10) — Segundo a lenda a que se refere Heródoto, (l. V., 59), Agenor era um rei da Fenícia. Seu filho Cadmo fundou Tebas, dando seu nome à colina principal, e ao recinto fortificado da cidade (Cadméia). De Cadmo foi filho Polidoro, pai de Lábdao. A este rei sucedeu o infeliz Laio.

(11) — Tirésias tinha, com efeito, o tratamento de rei, prova de que o sacerdócio o igualava aos reis de fato, se não o punha acima deles. Isso explica a altivez e o desassombro com que, por vezes, falava Tirésias a Édipo.

(12) “Este dia te dará o nascimento e a morte” — diz o original, literalmente, mas

a idéia evidente é a de que Édipo iria descobrir na mesma ocasião os dois terríveis lances de sua trágica existência.

(13) — A estrofe coral compara o execrado criminoso a um touro, numa fuga interminável, perseguido por um enxame de insetos terríveis. Tal alegoria foi inspirada, naturalmente, pela lenda de Io, que figura no *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo.

(14) — Alusão à Esfinge, com quem Édipo ousara defrontar-se, resolvendo, então, o famoso enigma.

(15) — Esta informação é dada por Jocasta casualmente, bem como a de ter ocorrido o crime numa encruzilhada — meros detalhes sem importância, na aparência, mas que produzem no espírito de Édipo uma impressão de terror, artifício este mais de uma vez usado por Sófocles em suas obras.

(16) — Um só carro, menciona o texto grego. — *Apêne* era o carro de rodas, coberto, e preferido para longas viagens.

(17) — É de capital importância esta

passagem. “Καὶ σοὶ γυναι”, diz o poeta (e a ti, mulher...). Esse tratamento íntimo mostra que toda essa revelação de Édipo só devia ser ouvida por Jocasta, como se o narrador falasse em voz baixa.

(18) — Conforme Apolodoro, é de supor que a cena se tenha passado assim: O arauto ia na frente, afastado do carro. Para trás, a alguma distância, vinham os servos. Encontrando Édipo, o cocheiro ordena-lhe que saia do caminho; Édipo não atende imediatamente a semelhante intimação. O cocheiro força-o brutalmente a saltar de lado, para não ser esmagado. Laio agride-o com o chicote; Édipo, indignado, reage com o bordão, atingindo o velho com uma só pancada na cabeça, o que faz cair o rei, para não mais se erguer. Forte como era, Édipo fere, então, o cocheiro, e, a seguir, luta com o arauto e com um dos servos, que correram em defesa do velho rei. O outro escravo, ao ver o que ocorria, fugiu.

(19) — “... eu não observaria mais à direita, nem à esquerda,” diz Jocasta no texto de Sófocles. Essa afirmação, porém, significava que ela não mais acreditaria nos oráculos, uma vez que no caso da

morte de Laio a profecia oracular teria falhado completamente.

(20) — Estas passagens do coro não se entendem com Édipo; os intérpretes mais autorizados concordam em ver nessa parte da tragédia uma alusão ao estado político de Atenas, ao tempo da dominação de Aleibiades.

(21) — Esposa... e mãe... O verso em que o Corifeu faz esta apresentação presta-se a um duplo efeito, pois a pausa após a palavra “esposa” deixa perceber que Jocasta é, ao mesmo tempo, esposa e mãe de Édipo, antecipando assim a personagem a revelação terrível.

(22) — Por cidadãos do Istmo se designavam os habitantes de Corinto.

(23) — Édipo, em grego, significa: pés inchados.

(24) — Nota-se de novo, o dúbio sentido que se pode dar a esta frase de Édipo, que refere à Fortuna, evidentemente.

(25) — A estrela a que se refere o mensageiro aparece, realmente, alguns

dias antes do equinócio do Outono. O período indicado abrange, pois, seis estações completas, ou seja, dezoito meses.

(26) — O texto grego diz: “... de cantos oraculares”, certamente porque os enigmas eram propostos em versos do mesmo tipo dos hexâmetros em que se redigiam as respostas do oráculo.

(27) — Que Édipo se houvesse ferido com um simples colchete do manto real, não admira, visto que essa peça do vestuário grego era muito maior que os atuais colchetes, e bastante forte para ser assim utilizada. Heródoto conta em suas histórias, (V, 87) que as atenienses mataram um covarde, servindo-se dos próprios colchetes de suas roupas como punhais. Para isso bastava forçar a fita metálica, dando-lhe a forma de um gancho ou estilete pontiagudo.

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

**VOCÊ FOI ROUBADO!**

Você tem este e muitos outros títulos

**GRÁTIS**

direto na fonte:

[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)

© 2005 — Sófocles

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

---

Janeiro 2005

**Piscina (sem água)**  
**Mark Ravenhill**  
**Tradução Felícia Johansson**

Uma piscina, ela tinha uma piscina.

De todos nós a mais – pelo menos aos olhos do “mundo”- a mais bem sucedida de todos nós.

Então - uma piscina.

Ela queria impressionar? Era pra se mostrar?

Não. Não é possível. Não. Porque ela é....

Ela é uma boa pessoa. Ela é legal. Ela tem integridade. Tem raízes.

E agora ela tem uma piscina – é fantástico fantástico fantástico fantástico.

Mas ela não se esqueceu da gente. Visitas à clínicas de reabilitação .Visitas a hospitais. Visitas às campanhas anti-aids. Ela vai a tudo.

E ela vem às nossas exposições. Pequenas exposições em galerias alternativas. Nossas fotos, nossos objetos, ela vê, ela às vezes compra. E ela nos ajuda a levantar fundos para os nossos projetos.

Ela não se cansa de levantar fundos para os nossos projetos.

Nós a adoramos. Nós a adoramos. Nós realmente a adoramos.

Anos atrás quando ela estava – quando ela estava no Grupo. Corpo e alma. E ela sempre rasgava suas roupas, rasgava tudo, e nós rasgávamos tudo também- nós a seguíamos- e então todos nós fazíamos performances, pelo puro prazer de fazer performances. Ou então a gente tirava a roupa e nadava junto, pelo puro prazer de nadar sem roupa, junto.

Mas hoje em dia ela está....ausente.

Exatamente. Ela está....ausente. É aquela qualidade do trabalho dela que vende. Aquelas obras que começaram quando perdemos o Téo naquela onda de AIDS. E ela usou o sangue do Téo e os curativos e o cateter e as camisinhas dele. Obras vendidas para os maiores colecionadores do mundo.

Aha.

Ausente. E ainda assim – reconhecida pelo mundo.

Aha.

E agora ela tem: a piscina. A piscinaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Primeiramente vista em anexos. Um cartão de natal com um anexo. Abram o anexo para um arquivo PDF da minha nova piscina.

Eu abro com cuidado. Eu tenho medo de vírus.

A piscina dela. “Vocês são bem vindos quando quiserem. Apareçam, curtam a piscina. Qualquer um de vocês – individualmente ou coletivamente – apareçam e curtam a piscina.”

E tem o PDF. Tem a piscina. Limpa e azul e iluminada por lindas luzes. E tem o rapaz da piscina – que poderia ter sido um ator pornô. Ou talvez seja um ator pornô. Ou talvez vá ser um. E tem o personal trainer dela, o “preparador físico”. E ele é um ator pornô também. E talvez o rapaz da piscina trepe com o personal trainer. Ou o personal trainer trepe com ela. Ou ela trepe com o rapaz da piscina.

Não não não – ela sempre foi uma pessoa moral. Ela sempre teve um código severo de conduta moral. Mesmo naqueles tempos loucos. Ela nunca se picou por mais de um dia. E ela sempre trancou a porta do seu quarto à noite.

Então, nós trocamos emails pra lá e pra cá: sim, vamos ver a piscina, vamos lá curtir essa piscina, por que não? Por que não? Vamos curtir a piscina com ela.

E nós mandamos um email pra ela. Nós estamos indo, nós estamos indo, nós todos estamos indo. Nós estamos todos indo de avião curtir essa piscina com você.

E ela escreve de volta: Fantástico. Fantástico. Fantástico.

O tempo voa, claro. Nós estamos todos ocupados – tem as exposições nas galerias alternativas, tem um projeto para ajudar bebês filhos de drogados, tem aquele projeto para levantar fundos, tem –

Tem a Clara no hospital. Clara naquela merda de hospital. Entrou nos ossos dela agora, foi comendo o corpo dela e agora aquela porra de câncer está comendo os ossos dela também – e tem um gosto amargo - e ela fica lá deitada e dizendo:

Eu quero morrer eu quero morrer tudo que eu quero é morrer por que é que eles não deixam eu não tomar o remédio se tudo que eu quero é morrer?

E a gente diz pra ela

Pense na piscina. Pense na piscina. É alguma coisa em que vale a pena pensar. Nós vamos tirar você daqui e voar com você para a piscina. Momentos fantásticos felizes e saudáveis nos aguardam na piscina.

E ela diz

Sim.

Mas isso é só pra nos confortar. Ninguém acredita nisso.

E um dia ela fica verde e cinza e tem alguma coisa que pinga pinga pinga e coagula por todo lado e tem enfermeiras e freiras e nós organizamos um rodízio porque a vida continua com suas exposições e eventos de caridade e a gente se reveza até que uma noite nós todos corremos para lá e alguns chegam a tempo e outros não e Clara se foi.

E você fica sem chão porque de repente toda arte não vale nada, é nada, significa nada. Clara se foi e a Arte não fez nada e a Arte não pôde fazer nada e a Morte é grande e nós somos pequenos e realmente não somos nada, nós não somos nada.

E *ela* está lá no crematório. E ela diz: Obrigada por cuidar da Clara. Obrigada por isso, Vocês foram todos maravilhosos por cuidar dela. Eu me sinto tão culpada. Eu devia ter vindo mais cedo. E nós: não não não não.

Mas eu senti você sentiu, olha eu senti, isso é errado eu sei que isso é errado mas eu senti, talvez seja só – alguém mais sentiu – e é só um sentimento, mas um sentimento é um sentimento e eu penso que deve ser considerado, não é? Se é que vocês entendem o que eu digo? Ok, ok, eu vou dizer, eu vou contar para vocês o que eu o que eu senti, lá no crematório e de repente ela estava lá com o produtor dela ou sei lá quem, ela está lá e eu quero gritar na cara dela: Filha da Puta.

Meu Deus.

“Filha da Puta – isso é culpa sua. Você fez isso. Está vendo esse caixão? Está vendo esse caixão, esse caixão horroroso de madeira barata com a nossa amiga Clara dentro dele? Você fez isso. Foi você.” Foi você que matou a Clara.

Meu Deus.

Porque nenhum de nós foi feito para ser rico, nenhum de nós foi feito para ser reconhecido, nenhum de nós foi feito para voar. Nós somos o Grupo. E há um equilíbrio. E você roubou esse equilíbrio. Um de nós sobe, então outro tem que descer. É uma lei natural. Será que você não entende a mais básica das leis? Bem, é claro que você entende – você a entende e a ignora – de propósito- e matou a Clara. Escolheu matar a Clara. Piranha. Escrota. Puta. E se eu pudesse eu arrancaria todos os cabelos da cabeça dela e todas as roupas do seu corpo e cuspiria na cara dela lá mesmo, naquele mesmo momento. Isso era o que eu....Alguém mais.....?

Não não não não ninguém mais.

Sei. Sei. Sei.

Veja você, que gente má. Todos nós somos pessoas ruins. Não precisava ser assim, claro. Não. Não precisava. Se ao menos nossa Arte servisse para fazer o bem. Mas, ao invés, nós cultivamos.....

Desde o princípio, desde sempre, nós cultivamos....

E agora nós pensamos....

Não é estranho?? Durante tanto tempo ela esteve entre a gente como uma amiga, durante todo aquele tempo e mesmo assim nós cultivamos o mais profundo....*ódio*.

É a única palavra.

Ódio assassino

Isso é terrível. Isso é realmente terrível.

É mesmo – e nós devemos superar isso. Nós devemos. Não só nos nossos trabalhos para caridade, mas também em nossa atitude para com ela. Nós devemos amá-la. Nós devemos olhar para a frente, esquecer o passado, superar a maldade e seguir adiante, dando todo nosso amor a ela.

‘Vocês estão arrasados,’ ela diz. ‘Vocês estão exaustos,’ ela diz.  
‘Fisicamente, espiritualmente, emocionalmente. Por favor, venham para a piscina. Por favor. Por favor. Venham. É o mínimo que eu posso fazer por vocês.’

E todos nós dizemos: sim.

Vamos esquecer o ódio vamos esquecer a morte vamos deixar tudo isso para trás.  
A piscinaaaaaaa.

E nós vamos.

Leva tanto tempo para voar para esse estranho novo mundo e há palmeiras e uma brisa quente ao entardecer no aeroporto.

E *ela* está lá.

Bem-vindos bem-vindos bem-vindos.

E no enorme hall de entrada da casa tem o rapaz da piscina e o personal trainer e o cozinheiro:

Olá. Ei. Oi. Bem-vindos. Que bom. É. Como vai? Entrem sintam-se em casa tem alguma coisa que eu possa? Fantástico. Então vocês são? Ouvi falar tanto. Que bom.

E, sim – nós nos sentimos um pouco culpados em pensar em todo aquele sofrimento lá na cidade – as porradas, os órfãos, a dor – e de repente nós queremos voltar pra lá e produzir alguma arte. Mas a gente dá um tempo, dá um tempo e deixa isso passar – porque será que a gente é responsável por todo bebê que tem uma mãe viciada em drogas? Isso seria muita vaidade.

E nós olhamos para ela e vemos.....Sim, ela é só uma pessoa. Uma pessoa como nós. E – por que nós sentimos todas aquelas coisa terríveis todos esses anos? Ah, é muito bom deixar isso pra trás. E nós percebemos como os movimentos dela são graciosos e como sua risada soa bem e aliás nós adoramos o modo como ela não está tão presente – tão *se mostrando* como outras pessoas.

E cada um de nós diz: ‘É bom estar aqui. É ótimo estar com você novamente.’ E, de fato, a gente sente isso. E faz muitos anos que a gente não se sentia assim, tão leve.

Vocês sabem que ela é uma pessoa maravilhosa. Uma de nós que se deu bem no mundo e está se virando muito bem. É tempo de comemorar isso.

E naquela noite tem um jantar - filé de robalo, saladas e vinhos maravilhosos e nós ficamos nostálgicos e nós ficamos sentimentais e nós ficamos chorosos. Por causa de – Meu Deus, vocês se lembram quando tudo significava tanto, quando tudo fazia tanto sentido sim quando tudo era pleno de sentido e a gente acreditava apaixonadamente em tudo, tanto. Vocês se lembram desses dias? Ah sim dias felizes felizes felizes felizes felizes felizes felizes.

Eu me lembro....cores muito brilhantes. Naquele primeiro estúdio que a gente alugou. Eu me lembro de tudo tendo tanta cor. Como é possível que tudo tenha tanta cor?

Hora de ir pra cama.

E cada um de nós está em sua cama.

Mas de repente ela está lá, de repente ela está batendo em todas as portas.

‘Eu sei que a gente combinou de dormir mas quem sabe um mergulho vamos dar um mergulho na piscina antes de dormir.’

Meu Deus ela não mudou nada apesar de tudo apesar de tudo ela ainda é danada danada danada.

*(música )*

Palavras mágicas de um tempo atrás: nadaaaaaar peladooooooooooooo!

E nós estamos de volta à noite e nós estamos rindo e nós estamos bêbados e não há luzes lá fora não há luzes na piscina tudo foi apagado. E nós dizemos: nada de roupa. Por que não é isso o mais gostoso o mais maravilhoso...? Nada de roupa.

E nós tiramos nossa roupa.

E cada um de nós sabe que nosso corpo não é mais o que era há uns dez anos atrás – tem gordura flacidez rugas e até até até uns tons de cinza aparecendo. Sim, a triste rota para o tórumulo já começou.

Mas isso não importa no escuro. No escuro nós somos como há dez anos atrás quando a gente se despia e fazia performances e se desnudava e se divertia.

E é tudo tão lindo. Uma brisa suave roçando nossas entranhas no escuro.

E a gente chora a gente ri e se comove com a beleza de tudo.

Eu sempre vou me lembrar desse momento, sempre. Às vezes, quando os analgésicos não estão funcionando eu tento visualizar esse momento e então as coisas não parecem tão ruins assim.

Para a piscina (ela grita) para a piscina!

*(E então ela está correndo e brincando na escuridão e ela se projeta no ar se projeta e você pode vê-la alto no céu, lá no alto em contraste com o céu, o arco do corpo dela através do céu escuro, bem bem alto.*

*Ela parece estar tão alto. Ela está voando. Ela é um anjo. Uma deusa anjo gargalhando bêbada.*

*E então ela se curva para baixo a gente bate palma e a gente grita.)*

*(Blecaute)*

E então

A gente pensou que tinha ouvido um splash. Quando você pensa que vai ouvir um splash, você ouve um splash. É assim que funciona. Mas nós não ouvimos o splash.. Não. Nós ouvimos

Um estrondo.

O estrondo do corpo dela.

O estrondo do corpo dela caindo contra o concreto.

E então um silêncio.

E gemidos e grunhidos e gritos de dor.

*(silêncio)*

Nós corremos na escuridão nossas figuras nuas correndo na escuridão até a beira da piscina. E então nós vemos, vemos depois de ajustar nossa visão.

Piscina. Sem água.

Somente uns restos de água em uma piscina vazia.

E lá no meio do concreto seu corpo retorcido e quebrado e ela gemendo como um animal, não mais uma deusa ou fada.

A gente não se fala. A gente não se vê. A gente está junto demais para se falar ou pra se ver.

E a gente desce lá na piscina a gente e fica ao redor dela.

Ela ainda estava consciente. Ainda estava gritando chorando e gemendo.

E a gente queria sentir o que ela estava sentindo – ela é uma de nós, nós somos artistas – não, nós somos pessoas – a gente queria sentir o que ela estava sentindo - compartilhar a dor.

Mas isso não aconteceu.

Não. Nós ficamos parados. Parados ouvindo ela gritar e gemer. Todos nós. Parados.

A gente não podia fazer nada. Mas a gente podia ter pelo menos sentido alguma coisa. A vida sem sentimento é tão....

Ela não gemeu durante um tempo. Ela....se foi. Ela morreu? Por um momento passou pela minha cabeça – não ela não morreu e acho que de alguma maneira a gente sabia que ela não tinha morrido. Ela ficou inconsciente.

E agora a grande ausência está aos nossos pés e nós estamos pensando:

Isso está certo. Há uma certa justiça nisso.

Sinto muito se você teve que sofrer, sinto muito pela sua dor – mas há justiça nisso. Faz sentido para nós.

Pela Clara, pelo Téo, por nós, isso tinha que acabar assim.

Porque você voou – sim – você abriu suas asas e voou sobre nós. Tudo bem. Você tentou e parabéns. Por tentar. Mas você achou que isso ia durar? Voar sobre nós e olhar para a gente lá de cima? Você realmente achou que isso ia durar? Claro que não ia durar. E agora você se arreventou aqui em baixo. E dói, não dói? Eu sei. Isso dói.

Isso é bom. Isso é muito bom. Olhe para você. Ha. Ha. Olhe só para você. Eu sou demais.

Há uma força em mim. Uma força que eu não conhecia.

Sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta sua puta.

*(E nós.)*

Talvez você morra. Talvez a morte te leve. E se ela te levar ela não vai me levar. E aqui estou, salvo por mais um dia.

*(E nós.)*

Você sempre tomou conta de nós. Sempre apadrinhou nossas exposições. E agora, nós podemos tomar conta de você. Que melhor maneira de tomar conta de você do que cuidar do seu corpo desfigurado?

E o rosto dela. Você poderia imaginar – congelado em um expressão de dor e emoção intensa. Mas não – seu rosto no topo daquele corpo retorcido e machucado estava mais ausente do que nunca. E juro que se eu pudesse, eu perfuraria seu crânio só para saber que pensamentos e sentimentos passavam pela sua cabeça. Juro por Deus.

E então há um fio de mijo escorrendo pelo corpo dela agora – verde por causa do vinho. E é engraçado pensar nisso agora – mas é o mijo que nos fez acordar.

E a gente corre e grita por socorro e abre portas e eu vou na ambulância e eu sigo a ambulância em um....

Por favor, por favor, tomem conta da minha amiga, um acidente horrível. Por favor.

Notícias, notícias notícias, alguma notícia? E naquele quarto ela está entubada e cheia de drenos e a gente vai e volta e traz um café e fuma um cigarro. E nós jamais ousaríamos dizer uns aos outros o quanto aquilo tudo era – essa é a palavra - excitante.

Vocês sentiram isso- ? Eu gostaria que houvesse algo mais, mas....

A excitação que todos nós negamos. Porque excitação – não, não é um sentimento apropriado.

Mas nós temos as aparências que se deve ter, com aquela pequena inclinação da cabeça, aquele pequeno suspiro, aquela lágrima escorrendo pelo rosto – exatamente como deve ser.

E lá no quarto um de nós ou todos nós- sei lá, alguém diz a ela:

“Você não pôde ouvir mas eu desejei as coisas mais horríveis para você. Mas isso não vai continuar assim. Não pode continuar assim. Você está por baixo agora e eu vou cuidar de você. Por favor deixe-me cuidar de você. Por favor, deixe-me cuidar de você. Não se ausente. Fique por aqui. Por favor.

E de volta a casa dela nós nos deitamos e os vemos desfilar pelo nosso quarto: Clara sem o seu seio, Téo com um pulmão do tamanho de uma caixa de fósforos e agora isso – e nós queremos nos juntar a eles e desfilar pelo céu ou pelo inferno ou pelo purgatório mas nós não fazemos isso porque temos um diazepam, e um fumo, e um vinho e um diazepam – e tudo bem.

No dia seguinte o personal trainer está aos prantos. O cozinheiro tem uma ataque histérico. O rapaz da piscina diz que vai tomar uma overdose. O empregado que esvaziou a piscina e não avisou ninguém – Nós os consolamos. Somos todos tão bons. Nós descobrimos – que maravilha – o quanto nós somos bons.

E quando é humanamente possível nós vamos ao hospital.

A gente não se lembra agora. Não importa. Claro que importa para curadores, historiadores, críticos de arte. Mas para nós não faz a mínima diferença. Mas um de nós teve a idéia de levar a câmera.

A gente nem sabe quem foi que teve a ideia de levar a câmera em nossa visita. Talvez todos nós. Talvez cada um de nós. Talvez cada um de nós tenha chegado espontaneamente à mesma conclusão. Sim – talvez cada um de nós soubesse que uma imagem, um registro – talvez a gente soubesse que isso era o que devia ser feito.

E então lá estávamos nós – hospital e câmera na mão.

E aqui estamos. Aqui estamos nós. Aqui no quarto com a câmera na mão e a luz do sol entrando pelas persianas.

Oi. Oi. Somos nós.

Por favor acorde e não deixe a gente ir adiante. Não deixe a gente fazer isso. Você não tem que dizer nada. Basta abrir os olhos. Só isso. Você sabe o quanto nós – você era uma parte de nós e agora....

E a gente segura a câmera discretamente.

Meu deus. Olhar. E ver. E sentir. E cuidar. É algo humano e natural. Mas nós...

Vejam só – vejam– o que foi feito dela. Agora que limpamos aquele sangue todo. O corpo machucado e inchado em uma forma sobre-humana. Membros engessados. Pescoço engessado. A máscara dela. Os drenos e tubos. E as máquinas de respirar que fazem bip. Uma comovente....uma imagem atemporal do....

Nossa amiga sim mas também....

A beleza da máquina...

O roxo do machucado...

Tudo isso é tão tentador. Há beleza aqui. Nós sabemos, nós passamos nossa vida procurando por isso e isso está aqui.

E finalmente nós estamos comovidos com a intensidade e a beleza dessa imagem.

E a luz estava ótima e o potencial para criar estava lá – e para falar a verdade foi fácil fácil produzir aquelas imagens que mais tarde pareceriam tão impressionantes.

E a tentação de compor... A tentação era grande e nós fomos fracos. Então nós a colocamos na luz e até movemos um pouco os membros e a cabeça – tomando cuidado com os drenos e tubos, claro....a feliz união entre ciência e arte.

Se vocês estivessem naquele quarto com a gente então talvez, talvez vocês fizessem o mesmo. Porque hoje somos todos artistas.

Joguem fora essa porra de câmera pela janela do oitavo andar

Pisem nas lentes quebrem o visor e arranquem toda a memória e alma

Isso não foi uma boa coisa de se fazer. Isso foi uma coisa terrível de se fazer. Por que não selecionar e deletar tudo que nós....por que não?

E nós fizemos isso. Não – sejamos sinceros – nós quase fizemos isso. Mas nós nunca chegamos a fazer.

E naquela noite a gente checa o trabalho no laptop e – ah – nós não estamos descontentes com nós mesmos como a gente achava que ia ficar. Não. A gente já está sonhando com entrevistas – exposições, catálogos, vendas.

E nos próximos dois meses a mesma rotina.

Pela manhã no hospital a gente espera o momento certo para coletar nossas imagens.

E ah como a gente acabou conhecendo bem aquele hospital! Por um tempo eu até andei de caso com um enfermeiro - Miguel - nós fizemos um monte de exames de sangue mas eu não estava pronto para me relacionar então tudo acabou. E aliás eu acho que o Miguel foi quem primeiro suspeitou – levantou algumas questões – sobre aquelas sessões de fotos diárias. Não que houvesse alguma coisa errada...

Mesmo assim ninguém ficou sabendo de nós dois. Talvez só para ficar mais excitante.

À tarde a gente edita o que fez.

Seleciona. Organiza. Cataloga. Experimenta imprimir com diferentes cores, tons, definições.

Sua casa é nossa casa, nosso estúdio. E pela manhã o sol nasce sobre nós e à noite nós somos alimentados e atendidos pelo staff dela, enquanto dispersores de água regam o jardim.

E o meu corpo – durante esse período meu corpo começou a ficar mais forte e definido porque o preparador físico vem às seis e nós corremos pelo parque e à tarde eu nado 500 metros na piscina.

Eu devia ter tido um nutricionista antes. Eu me sinto super bem.

E quando for o momento oportuno – o curador certo, o melhor produtor, a melhor assessoria de imprensa – essa será uma série espetacular de imagens.

Nós ficamos fascinados pelo – fascinados pelo modo como os machucados e os hematomas e os cortes progrediam dia a dia.

Vejam só. Vejam só. Olhem e vejam. Não é super interessante? Não é verdadeiramente fascinante?

O modo como os machucados e hematomas crescem e amadurecem sobre o corpo dela. Um dia um olho se revela enquanto o outro fica encoberto sob um inchaço.

E nós estamos juntos. Nós somos um. Há um trabalho a ser feito e uma tarefa a ser cumprida e nós estamos juntos.

Nós somos o grupo! Nós somos o grupo! Nós somos o grupo!

*(música Murcof – cena dos painéis)*

*(Nós estamos vivos – olhem para isso, aquele velho defunto está de volta, respirando ar puro e andando sobre a terra.*

*Uhuuu!!*

*Não cantem muito alto mas*

*Uhuuu!!*

*Junte-se a nós*

*Uhuuuu!!)*

*(Mas a felicidade ...a felicidade dura pouco. Oito semanas e então...*

*Nós chegamos no hospital, como sempre. E o Miguel – a gente já não estava mais saindo junto – Miguel aparece sorrindo pra nós.*

*E a gente sabe, a gente sabe. Nós podemos adivinhar as palavras por ele).*

*(Interrupção som/luz)*

“A amiga de vocês está consciente.”

Oh.

Dois meses depois a Bela Adormecida ...

Oh.

E eu me senti leve porque...porque aquilo foi....o que foi aquilo - ? Tirar aquelas fotos? Fotografar aquilo...? Não não não não. A gente não podia ter feito aquilo. Aquilo foi foi...ah que alívio alívio alívio. Aquilo....está....salvo.

‘Aquilo é maravilhoso’.

Mas eu estou tão feliz que a arte se foi e que agora nós podemos ser gente.

Deixem que ela se torne presente. Por favor. Deixem que ela..

Eu cheirei uma antes de ir para o quarto dela. Eu nunca disse isso a ninguém antes. Eu sabia que eu só tinha o suficiente para uma, então no fraldário eu... Eu não me entendo.

*( Blecaute )*

*( vozes em off )*

Oi. Oi. Veja somos nós. Nós todos estamos aqui.

Ela não está acordada – não acordada como eu e você.

Ela está meio lá meio cá – mas algumas vezes seus olhos abrem a ela nos olha e nos vê.

Ela está no quarto conosco. Algumas vezes ela até sorri pra gente. Juro por Deus.

E nós estamos felizes. Por ela. Mas também por nós. Silenciosamente felizes mas ainda assim...

E a gente fala aquela fala de hospital aquela fala para bebês e pessoas semi conscientes. A gente balbucia uma fala doce porque ela merece a mais doce das falas.

‘Nós vamos tirar você daqui. Um dia desses por agora. Isso é o que nós vamos fazer. E nós vamos tirar a roupa juntos novamente e vai ser como era....

E nós vamos todos dançar e beber e cantar juntos novamente... Dias felizes nos esperam.

Você vai ser uma de nós como há dez anos atrás, todos nós despídos de tudo, um bando de xotas e paus e tetas e bundas se banhando lindamente oh pense nisso amiga pense nisso. Nós temos tanta somos de termos vivido isso e nós vamos viver isso de novo. Nós vamos. Nós vamos. Nós vamos. Nós vamos.”

Eu a beijo. Ela não faz nada. Mas tudo bem...Tudo está...

E a gente diz uns para os outros. Acabou. Dias felizes estão chegando.

E a gente dá as mãos e a gente sorri e a gente se abraça e a gente canta. O Grupo está ao redor dela a ela abre os olhos e olha pra gente e ....

( *música Murcof*)

Por um momento eu acho que...não.

Sim eu pensei que...Não sei se alguém mais pensou....

Talvez todos nós pensamos...

Ela sabe. Ela sabe o que nós estávamos fazendo. Ela vê a câmera em nosso bolso e ela compreende.

Como ela é mais sábia que nós.

Mas não pode ser.

Não, não pode ser.

Então nós levamos um pouco de água aos seus lábios ...

...e acariciamos seus dedos e sussurramos no seu ouvido:

Nós amamos você.

*(E ela diz:*

*Obrigada por serem meus amigos durante todos esses anos.*

*E – não – ela não sabia que pensamentos de ódio tinha cruzado nossa mente e nós fomos – bem – abençoados – e – hum – absolvidos por essas palavras.)*

E por horas nós ficamos lá com ela enquanto ela dorme e acorda e eu acho que esse foi um dos momentos mais calmos de toda minha vida.

*(música- Murcof continua aumentando em intensidade. Cena do abuso. Fade out som e luz. )*

Mas por que - quando voltamos à casa dela a gente começa a - ? Eu nunca mais fui à academia. Minha barriga...

Eu só como fast food em drive thru e meu estômago dói de tanto sorvete.

Uma noite com muito vinho e cocacococococa houve uma briga. Motivo-nenhum. Mas gritos e portas batendo e choro e silêncio.

E aliás sabia que em momentos assim é que eu percebo que meus problemas de dependência realmente aparecem? Porque eu quero muito – caro Terapeuta – eu quero muito fazer parte do Grupo é isso que eu quero mas se eles não querem talvez eu seja excluído mmmmm merda não tem nenhuma porra de agulha nessa porra de quarto de hospital que tipo de hospital é esse que não tem agulhas nos quartos?

E o – Eu te dou uma grana legal pra dormir comigo. Esquece essa piscina. Esquece essa piscina pelo amor de deus e vem trepar comigo. Qual é o problema com o meu dinheiro?

E o Téo e a Clara ficam andando pra lá e pra cá no meu quarto. Relacionem isso ao uso de drogas se quiserem. Eu chamo de luto quando os ossos de amigos mortos ficam batendo na sua cabeça e apagando o som da vida enquanto a gente...Come. Dorme. Caga. Se Masturba. Começa de novo. Come. Dorme. Caga. Se Masturba. Começa de novo.

Então em um determinado dia um de nós resolveu mostrar as imagens a ela. Nem me lembro ao certo quem mas....

Eu não acho que tenha sido eu mas...

Talvez tenha sido eu que...

Enfim, um de nós – a gente estava – o que? – todos no quarto e havia alguma coisa no sorriso dela, o modo como ela olhava para nós enquanto nós cuidávamos dela.

Eu senti que ela estava me acusando e eu...

É tão difícil saber o que ela está pensando. Sempre foi assim. Mas normalmente ela está...julgando.

E eu só queria....

Alguém pensou: eu tenho que dizer a ela. Para me sentir melhor.

Talvez para magoá-la.

E ela está olhando seu corpo – ainda roxo e machucado – e ela diz:

‘Nenhum espelho por aqui. Eu devo estar medonha. Acho que vocês não querem que eu veja o que....’

E de repente uma voz:

‘Ah você pode se ver sim’

‘É mesmo?’

‘Mas talvez você não devesse. Talvez seja melhor não ver.’

‘Não. Eu quero ver.’

Vejam que ela não nos impediu, apesar de todas as chances.

‘Você tem um espelho?’

‘Não mas...’

O laptop. A primeira semana no hospital. Ela nem parece um ser humano. Semana dois, três, primeiro mês. Ela começa a cicatrizar.

E ela fica olhando. Mas a gente não podia ver...nada ainda nos olhos dela.

Então ela pergunta:

‘Quem tirou essas fotografias?’

E nós:

Nós.

E eu achei que ela entenderia o mal dentro da gente. Mas eu acho que realmente ela não entendeu porque ela disse:

‘Obrigada’.

De um modo sincero.

Ela não queria que a gente guardasse o laptop. Mas nós o guardamos.  
Porque a bateria estava acabando.  
E então ela diz:

‘Vocês podem me levar ao toalete?’

Eles já tinham removido o catéter então nós a carregamos ao toalete e isso nos fez sentir muito bem porque ela realmente precisava de nós.

E você sabe, houve visitas e ela não falava das imagens. Eu não sei – três? quatro? – várias visitas e as imagens nem eram mencionadas.

Na minha cabeça várias semanas se passaram sem que ela falasse nisso. Aliás, eu acho que não foi errado, foi – qual é a palavra? foi uma gentileza registrar isso pra ela.

Bem, isso se agente tivesse feito isso para ela. Sim. E se a gente não tivesse arrumado o corpo. Planejado a exibição. Se a gente pudesse esquecer.

E um dia ela diz:

' Tragam a câmera.'

‘Oh...não.’

‘Sim. Tragam a câmera. Eu quero continuar o que vocês começaram. Eu ainda estou cicatrizando. E estou ficando cada vez mais forte. E eu gostaria de continuar a registrar isso.’

O que a gente podia fazer a não ser trazer a câmera? Ela riu aquele dia. Ela estava tão feliz. Ela colocou a cabeça dela na luz para mostrar o machucado. Ela puxou o curativo para mostrar as feridas, os pontos, os ossos quase saindo pela pele azul.

Há muitos anos nós não a víamos assim, tão motivada.

‘Você fique em pé ali. Aqui – pegue o dreno e segure no mesmo enquadramento que os cortes da mão.’

E a gente cumpre as suas exigências. Tantas imagens e então:

‘Deixem-me ver, deixem-me ver eu mesma.’

É uma ordem. Dada por uma criança, mas ainda assim...

E então a gente vai passando as imagens e ela as estuda e revê e...

E ela gosta delas.

E todo dia ela nos motiva a fazer o mesmo.

E o tempo todo nós estamos gravando as imagens dela.

A antiga rotina era meio sacana. Ela estava dormindo. A gente tirava fotos dela sem ela perceber. Agora...

É nossa função fazê-la feliz E ela ama isso. E ela está cada vez mais forte. Enquanto nós....nós começamos a ficar cada vez mais doentes, sabia?

Eu tenho dores de cabeça. Eu tenho enxaquecas. Essa manhã eu escorreguei enquanto eu me barbeava e olha o corte olha o corte. Não não tudo bem está ardendo horrores mas vocês não devem se preocupar comigo.

Doutor, doutor, eu acho que aquele rapaz da piscina me passou um fungo!

Nós queremos que ela durma! Nós não queremos que ela se canse... Ela deveria estar dormindo o tempo todo mas agora....nós é que estamos exaustos. As visitas ao hospital. Aquela luz fluorescente. Aquele café horrível. É muito cansativo.

E agora ela quer cópias impressas das imagens. E nós as providenciamos.

E ela as coloca pelo quarto todo, arranja, rearranja, estuda. E – sim- de vez em quando ela pede nossa opinião mas, realmente, é o olho dela que dá forma a tudo.

Ela é boa no que ela faz. Ela expôs nas mais famosas galerias. Você realmente aprende com ela ao vê-la trabalhando com as imagens. E isso é um privilégio.

Mas nós ainda temos que levá-la ao toalete. Lembrem-se. No final das contas...nós ainda temos que levá-la ao toalete.

E nós nunca imaginamos que ela pudesse ter outras visitas mas então nós vimos....

Alto. Rico. Bronzeado.

‘Quem era ele?’

‘Ele é dono da galeria onde eu às vezes exponho. Nós estamos conversando sobre o trabalho que eu quero expor quando eu sair daqui.’

‘Que trabalho?’

‘Oh....só ideias.’

Mas eu sabia. Estava tudo perdido então. Era o corpo dela. Foi ela que mergulhou na piscina. Foi um ato dela. E nós achando que as imagens eram nossas enquanto o trabalho era ela. Então ela tinha tudo e nós - ah - nada.

Eu não aguento mais isso, sabia? Dá um tempo. Eu também preciso crescer.

Ela reclamaria os direitos e nós voltaríamos às exposições em galerias alternativas para levantar fundos para os menos privilegiados. Mas para ser sincero – eu fiz a minha parte – eu quero ser o privilegiado agora.

E agora parece uma punição ter tirado todas aquelas fotos. Você pode até ouvir o que vai ser dito dela. Você sabe quem vai comprar.

Eu quero fazer alguma outra coisa com a minha vida. Mas o que?

Festa no quarto dela. Vamos nos sentir como se todos nós estivéssemos nisso juntos, produzindo essas imagens. Vamos fazer de tudo para nos sentirmos assim.

E o tempo passa. E ela está voltando pra casa.

Ela fez uma lista, claro. Roupas e maquiagem que a gente tem que levar para prepará-la. E lá vamos nós. Ela está sentada na cama, na expectativa, pronta para ir embora. Bem vestida e maquiada.

E ao andar pelo pátio ela parece tão forte e tão bem. Tão forte, como se estivesse insultando suas cicatrizes, uma a uma. E somos nós, atrás dela, que parecemos os fracos. Os fracos pisando nos passos dela.

Mas na rua – onde os saudáveis desfilam e flertam e negociam e ameaçam – bem, lá – quando ela passa pela porta giratória e atravessa a chuva – de repente ela parece a mais fraca. De repente você vê que os membros dela não estão assim tão encaixados e que sua figura se arrasta com dificuldade. Você percebe que nenhuma maquiagem pode de fato esconder aquele rosto inchado. Somente um passo do hospital para a rua – mas toda a diferença. E ela é a estranha aqui. Esse é o nosso mundo – apesar de nossas vidas medíocres – esse é o nosso mundo e ela ainda não acertou seus passos por aqui.

E nós somos bons novamente. Nós somos bons. Nós a ajudamos no táxi e explicamos por onde ir e a seguramos quando tem uma curva ou um buraco, para infligir nela um pouco

de culpa. Nós estamos aqui por você, nós estamos guiando você, nós amamos você. Nós estamos atravessando essa escuridão com você. Confie em nós. Por favor.

Ela está cansada em casa. Um pequeno sorriso. Aquele pequeno sorriso que ela sempre dava ano após ano sem revelar absolutamente nada. Aquele sorriso que você pode entender da maneira que você quiser. E depois do sorriso ela cochila e nós dizemos:

Venha para a cama para a cama para descansar é isso que você precisa é tanta coisa você precisa descansar.

E nós cuidamos dela e nós nos importamos com ela. Genuinamente – é muito importante que vocês acreditem nessa parte – nós genuinamente nos importamos com ela.

Há sono interrompido. Ela está vendo aquilo de novo e de novo quando os olhos dela se fecham. Tirando a roupa. O salto no ar. O seu corpo lá no alto com as estrelas. A descida. O instante do concreto. O instante em que se percebe toda a dor que está por vir e então – crack. E ela está acordada.

Mas nós estamos lá. Há sempre um de nós lá. E ela sorri e diz.

Obrigada obrigada obrigada obrigada por estar aqui.

E nós dizemos:

Sua boba sua boba não nós queremos estar aqui.

E é verdade. Nós queremos. Nós realmente queremos estar aqui.

E cada vez há mais visitas.

O produtor dela.

Um publicitário.

O dono da galeria.

E nós damos as boas vindas e os encaminhamos ao quarto dela.

E nós sorrimos para eles oferecemos drinks mas não podemos ouvir as conversas que acontecem sobre as nossas cabeças.

Mas de fato nós sabemos.

Nós sabemos que essa história é dela.

As fotografias.

É sobre isso que eles estão conversando.

Vendendo.

Comprando.

Embalando.

Promovendo.

Eles estão preparando o lançamento.

E nós somos empregados domésticos que um dia seremos mandados de volta pra casa.

E olha, sinceramente, anos atrás quem poderia adivinhar....? Ela era a menos ... de todos nós.

Então um dia ela

Vamos ver as imagens. Vamos espalhar todas elas pelo quarto.

Não não não você não está pronta para isso ainda você ainda está se refazendo não não agora não daqui a um tempo nós podemos mostrar tudo isso.

Promessa?

Claro que nós prometemos.

Eu não diria que o vírus foi intencional. Não foi assim tão claro. Nenhum de nós de fato se sentou e disse

Venha vírus entre na minha caixa de entrada e espalhe sua mancha corrosiva pelo modem pela memória pela placa mãe venha.

Isso seria ridículo. Mas eu acho que no fundo dos nossos corações miseráveis a gente sabia que aquele anexo era um blefe, que abrir aquilo ia arruinar com todos os outros arquivos do laptop, um por um, destruindo as imagens – zap zap zap.

Nós protestamos

Merda merda merda

Mas a gente não tinha feito o back up então....

Não contamos para ela. Fomos levando.

Descanse agora e quando você então as imagens sim sim sim.

Mas nós não tínhamos sumido com todas , só a maioria, porque ainda havia algumas na memória da câmera e algumas cópias impressas. O suficiente para compor algo mesmo se - mesmo se - mesmo se -.

Mas mesmo se algumas partes – grandes partes – capítulos inteiros – partes fundamentais – mesmo se o vírus tivesse arrasado com a história da cura dela agora essa cura podia ser mais caótica – uma narrativa nonsense.

E o dia estava chegando.

O dia estava chegando.

O dia prometido.

O dia em que ela poderia ver todas as imagens dela desde as fotos tiradas às escondidas enquanto ela estava inconsciente no hospital até os últimos dias de sua convalescência em casa

Amanhã. A gente diz amanhã

Amanhã você vai sair do seu quarto e tudo estará exposto na sala de estar

Sua exposição

A exposição de você

Obrigada

Ela diz e novamente se vai, dormindo com o mais calmo dos sorrisos que você já viu.

E nós sentamos em silêncio. Esperando por...

Meu Deus.

Esperando por...

*(música....bem baixo e aos poucos aumentando em intensidade e volume até culminar na festa)*

E então um de nós

Talvez tenha sido eu

Eu acho que não fui eu mas

Enfim, um de nós

Um de nós trouxe a câmera e acessou a memória. Selecionou nossa primeira imagem e..

Eu culpo o personal trainer. Só podia ter sido ele. Além disso, existe algum preparador físico que não seja também traficante? E naquela noite era ele que estava vendendo e sim ok a gente que estava comprando.

Mas foi o rapaz da piscina que promoveu a farra no andar de baixo, enquanto ela dormia no andar de cima

Eu estou viva eu estou viva. Estar sóbria é estar morta. Aumentem a música aumentem a música aumentem a música eu quero que o meu estômago sangreeeee quando a música aumentar.

Eu pensei que eu estava limpo. Mas eu não estou. Eu nunca estou. Nunca vou estar. Eu sou um usuário e sempre serei. Até o dia em que eu morrer. Isso não é ótimo? Porque eu sei quem eu sou. Isso sou eu. Eu sou um usuário junkiefudidodependendedocaralho isso sou eu e isso me faz sentir.....super bem.

Tragam a câmera, tragam a câmera, as imagens da câmera

Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir  
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir.  
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir.  
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir  
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir  
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir  
Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir.  
Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir. Selecionar. Excluir Selecionar. Excluir.

Uma pequena pausa para que a gente sorva tudo que fizemos. Uma pequena pausa para celebrar como nós somos fortes. Meu Deus – o triunfo está pulsando em nosso peito.

Mas vejam....ainda há as cópias impressas. Sim as cópias impressas. A última sobra.

Vamos parar com isso agora. Acabou agora. Nós já sabemos que somos fortes. Nós sabemos.

Eu estou ok agora. Olhem para mim. Eu estou ok. Porra eu preciso de água.

Essa é a única coisa que nós vamos fazer nesse planeta e nós sabemos disso. Nossas vidas não são nada. Nosso trabalho não é nada. Sinceramente nosso trabalho não é nada.

E nosso trabalho não é nada e nem gente nós somos. Nós arruinamos nossa vida. A gente tomou o rumo errado na arte e isso nos levou a lugar nenhum e agora é tarde demais para descobrir nosso talento.

E vejam nossos corpos vejam nossos corpos caminhando dia a dia para o túmulo.

Eu queria ter Aids ou câncer – Clara sortuda Téo sortudo- Aids ou câncer para não ter que engolir com conta gotas essa indignidade da vida cotidiana.

Então – não voltem atrás agora.

Voltem aqui e tragam o máximo de tudo que vocês conseguirem trazer porque nós vamos comprar.

Agora nós estamos ligados. Por favor vamos....por favor não deixem isso acabar.

Tudo bem amigos tudo bem. É isso. Música por favor em todas as caixas. (Batem uma imagens pornô na tela de plasma e)... é uma roleta química...qualquer coisa que se injete se inale se....

Aqui vamos nós aqui vamos nós aqui vvvvamos nnóóósssss!

*(E o isqueiro – a primeira chama no canto da primeira imagem da cura dela. A gente grita e se delicia com as chamas crescendo.*

*Um de cada vez agora.*

*Deixe eu queimar eu sou o próximo eu sou o próximo*

*A fogueira*

*E a gente dança a gente dança em total liberdade enquanto as imagens ardem nas chamas*

*Não vai sobrar não vai sobrar não vai sobrar nada daqui a pouco )*

*(música é interrompida)*

O que está acontecendo aqui?

O que vocês estão fazendo?

E a gente quer dizer:

Você sabe você sabe você sabe o que nós estamos fazendo. Certamente você sabe você sabia que a gente ia ter que.

Mas a gente não faz nada. A gente fica parado ao redor dela. Silêncio. Ela toma o espaço e ela vê.

E ela compreende então – ela sabe.

Tudo que ela pensava ser amizade era ódio. Tudo que ela pensava ser cuidado era inveja. Preocupação era destruição. Nós torcemos o pescoço dela e quebramos suas pernas e pisoteamos seu esqueleto.

E finalmente. Finalmente ela não estava mais ausente. E ela diz:

' Vocês são pessoas medíocres. Desde sempre pessoas medíocres. Tem gente nesse mundo que é medíocre e tem gente que não é. E eu não sou medíocre. Sim? Sim? Sim?

' Eu tenho talento. Eu tenho visão. Eu sou abençoada. Vocês não são.

' Vocês podem se esforçar o quanto quiserem mas isso é tudo o que sempre será. Não importa o que vocês façam nenhum de vocês jamais irá me alcançar.

' Vocês acham que eu não vi todo o ódio e a inveja durante todos esses anos? É claro que eu vi.

' E a Clara e o Téo morreram porque eles eram muito fracos para viver para viver e para fazer arte.

' Eu sou a única forte o suficiente para realmente viver e nada do que vocês fazem pode me atingir. Porque eu sempre serei a mais forte.

' Então me escrevam de tempos em tempos para que eu possa saber como anda a vida pequena de vocês.'

E foi um alívio quando ela disse isso - um alívio porque ela não estava mais ausente como em todos aqueles anos.

E realmente – realmente – ela falou a verdade.

Na verdade acho que essa foi uma das noites mais felizes da minha vida

Não, na verdade, acho que foi umas das noites mais felizes da minha vida. Ter alguém para dizer a verdade assim. Tente conseguir alguém para lhe dizer umas boas verdades... hoje mesmo..é realmente fantástico

E, agora. Anos se passaram. E dê uma olhada nesses braços – nenhuma marca – nada. Limpo. E esses quatro aqui – dentes novos. Lindos.

E aliás eu encontrei alguém de quem eu realmente gosto e eu tenho duas crianças -uma de seis, outra de quatro - e elas gostam de mim o que me faz me sentir muito bem. Porque

quando todos nós brincamos na piscininha de plástico lá em casa as coisas parecem estar muito bem. E cada um tem seu próprio telefone celular - por segurança-.

E eles adoram tirar fotos da mamãe deitada na piscina. Uma graça

E eu gosto de pensar que nós vamos nos encontrar de novo em algum evento de caridade para levantar fundos para alguma causa nobre. Algum lugar onde a gente possa se encontrar novamente. Porque eu sou um romântico incorrigível. Cada vez mais romântico à medida em que o tempo passa

Então. Acendam as velas. Enfeitem o bolo. Cantem a canção. A gang está toda aqui. Todos juntos aqui. O sonho é possível e oh a vida é longa.

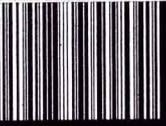
*(música)*

FIM

GRACE PASSÔ

Uma voz errante invade um corpo humano e sonda o que esse corpo sente enquanto mulher, o que finge sentir, o que é impenetrável nele, o que esse corpo significa para o outro ou a outra que o vê. Em *Vaga Carre*, um corpo de mulher vive a urgência do discurso à procura de suas identidades, à procura de pertencimento.

# WAGA CARRE



ISBN 978-85-5876-011-9



LIV - 10145  
077795

# Vaga Carne

O Teatro Brasileiro contemporâneo dá mostras de uma diversidade extensa, múltipla e original. Pelos mais diversos cantos do Brasil, textos inéditos, de formas distintas, arrojados, escritos por autoras e autores de diferentes perfis, são levados à cena. E tendo em vista esse cenário que apresentamos a Coleção Teatro Contemporâneo, buscando com ela fomentar e espalhar ainda mais a criação dramaturgica do país, servir como repertório dessa arte tão efêmera que é o teatro, e encontrar leitores de todos os tipos à aventura da cena!

Projeto Inicial

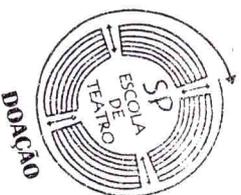
Avencio de Azevedo e Vinicius Souza  
Editores da Juvenil



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, Projeto Nº 615/2015.

SECRETARIA DE CULTURA  
CULTURA  
PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

Secretaria de Cultura - Belo Horizonte - Belo Horizonte



1ª edição  
Belo Horizonte  
Editora Javali, 2018

**Vaga Carne**  
**Grace Passô**

SP ESCOLA DE TEATRO  
BIBLIOTECA

LIV. 10115  
REG. 11145  
CLAS. TEATRO  
NOTA 1994 v  
FUNDO B  
COMPL. \_\_\_\_\_

SUMARIO

- 7 Bordas
- 9 Vaga Carne
- 61 Ficha técnica

## BORDAS

Escrever a partir de *Vaga Carne* é um desafio. É um entrar na matéria, na complexidade do grão e da poética (política) da voz-palavra. É um rock, um café quente e forte. Café movimentado...

*Vaga Carne*, matéria invadida na sua complexidade mesma de ser matéria, desestabiliza e transcende a autorização discursiva branca e masculina. "Sou uma voz, apenas isso". Pousa. Sítua. Nomeia sem fixar. Essa voz, corpo no texto, corpo na *perfor*-mance de Grace, para além do ato de emitir palavras, se dá para que identidades historicamente silenciadas e desautorizadas possam existir. E do que transborda: ultrapassa as identidades e se revira num jeito outro de afirmação.

"[...] margem da palavra entre as escuras duas margens da palavra [...]"]

A voz escolhe falar como feminina, enquanto nossa espécie não define se fala como macho ou fêmea. Fala no e a partir do corpo-mulher. Segue a imagem: invasão do corpo dessa mulher com palavras. Congela para poder movimentar: a palavra-lin-guagem é um mecanismo de poder que pode tanto ser utilizada como forma de manutenção do poder quanto compartilhá-lo. Quando se fala de direito à existência, à voz (ou melhor, direito a ser escutada), se fala de lugares sociais, de como certos lugares são invisibilizados, as diferenças são vistas na sua negatividade e significam desigualdade, de como só um grupo específico está autorizado a falar.

Voz-palavra-poder, que de início era "apenas" uma voz, trançou espaços no escuro desse corpo-mulher, meditou esquecimen-tos desérticos, fez saudade, aprendeu-chorar e – das delícias humanas –, sentiu-se parte do corpo e descobriu que ele não era apenas um lugar, um onde tanto faz pato, cadeira, hélice do avião, creme ou estátua... o onde é corpo de mulher e negra.

"Ei, mulher, você quer falar alguma coisa? Fala! Você quer fazer um discurso? Faça! Quer que eu fale por você?" Eu falo, voz! Ser corpo-mulher, que se desenha pela gente de mãos coloridas, em *Vaga Carne*, aponta para uma perspectiva outra de localização

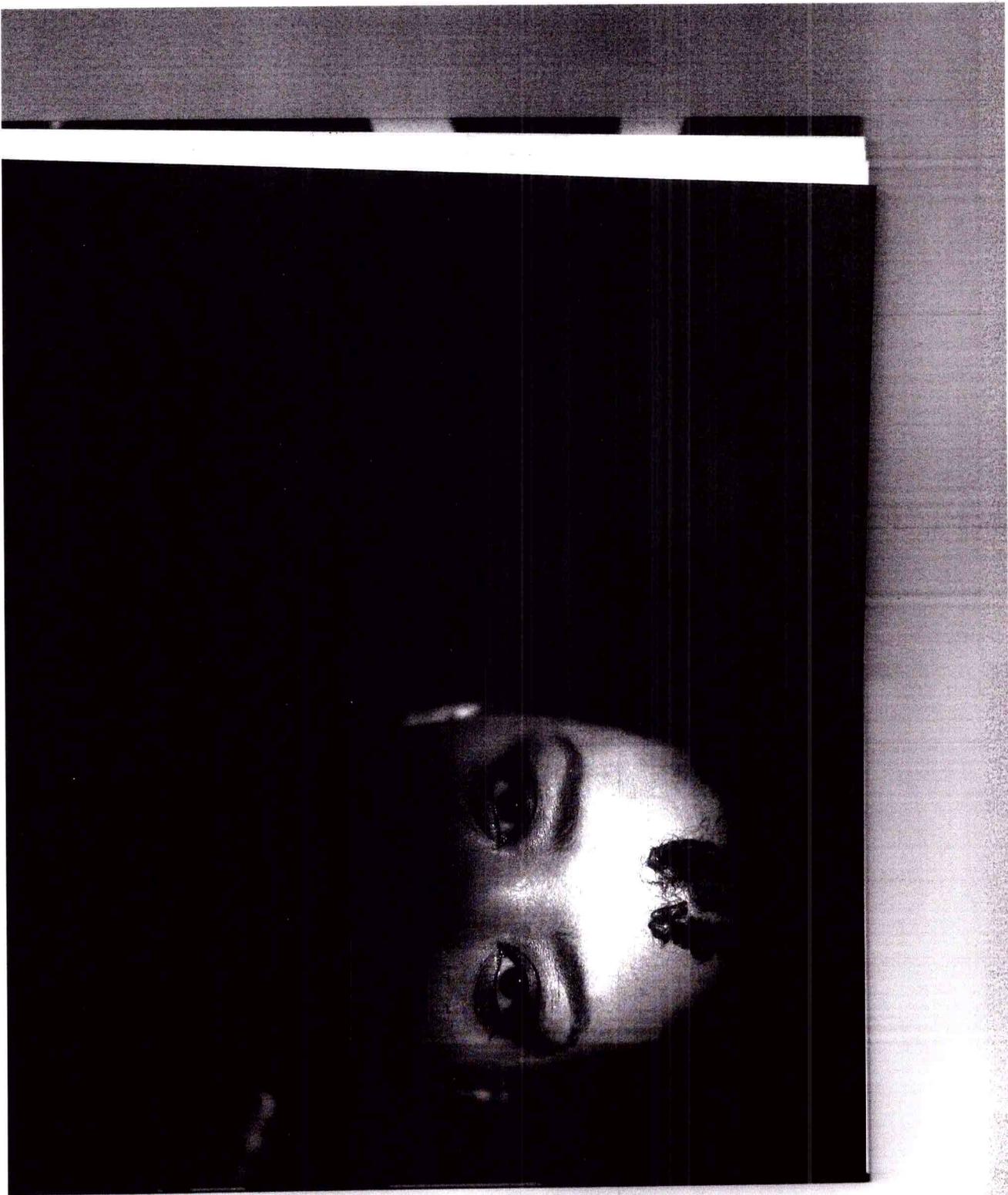
cultural e social, que no processo de transbordar do texto, na *performance*, se apresenta como um corpo-voz tecendo uma *coreozopolítica* que reflete e se abre para outras possibilidades subjetivas, éticas e estéticas em teatro: há quem prefira inventar novas "armas", novas poéticas, novas histórias; há quem prefira trançar axé para além do que se pode ver, cultivar jardins; jogar com o singular; agarrar-se nas paredes e atuar nas brechas e fissuras. Emergência do novo de onde se pode refletir sobre gênero, lugar de fala, questões raciais e sociais e também construir espaços e relações que podem reconfigurar, material e simbolicamente, um território. Uma espécie de poética da relação em que está em jogo a capacidade de lidar com a opacidade do sentido e incorporar essa opacidade nos entres das escuras duas, três, quatro... margens do sentido.

Ah! Essa voz! Afinal de contas, e no início das contas, é mulher, revolução haitiana, construção futurista de poéticas, narrativas e subjetividades, que pega na arma-palavra e faz dela mais do que intenção, busca mudar padrões do ser e do poder em ato estético performativo.

"Há outras formas de vida e isto é necessário ser dito."

Das iniciativas epistêmicas da produção de desejos... E tudo no feminino. Bordado por gente de mãos coloridas.

Soraya Martins



A encenação de Vaga Carne  
estreou no dia 31 de março de  
2016, às 21 horas, no Teatro  
Paoli, em Curitiba (PR/Brasil).

12

Quem: uma voz.  
Onde: um corpo de uma mulher.

13

No breu, oube-se a voz;

Vozes existem.

Vorazes.

Pelas matérias.

E vez ou outra, quando percebes que o vidro trincou sem aparente motivo.

Ou mesmo a rã que saltou, um dia, em altura incomum.

Ou quando a torneira gotejava sem interromper, sem interromper, sem interromper... Vá olhar!

Não é de tudo certo, mas é possível que não seja um acontecimento físico da matéria, mas, sim, ela, a matéria, invadida por vozes. Que existem. Vorazes. Pelas matérias.

E vez ou outra, quando percebes, em qualquer espaço, qualquer expressão que parece maior que a imagem do que vê, talvez estas coisas diante de mim e nem saibas.

Companheiros...

Já invadi vários patos. Patos. Já. Pato é danado. Tem humor, sabe? Mas não é humilde por dentro como parece sua imagem, não. Pato, você não me engana mais.

Já os cães são superiores. Por dentro, são. Seus latidos são as verdadeiras medidas das distâncias no espaço. Latido lá, latido aqui, proximidade.

Os cavalos: a crina, o rabo, são espaços lindos, lindos...

Os cremes, eu gosto de invadir. São deslizantes, fazem um barulhinho por dentro como se suaves bolhinhas explodissem. Suaves bolhinhas. Mas isso é só para os ouvidos dos cães, não pra vocês, coitadinhos...

Já o café, o café, companheiros, é um rock. Quando você penetra no café, ele fica te jogando de um lado pro outro, como se te expulsasse de si. Eu recomendo, companheiros. Não é possessivo. O café te movimenta.

A mostarda já é estranha. Não entendi bem a mostarda, mas, não sei, achei respeitosa.

16

As estátuas, pra mim, por dentro não fedem nem cheiram.

Eu prefiro invadir os frascos de remédio. Muito melhor.

As estalactites, sim. As estalactites... Aquilo não é para fracos.

Dentro delas, é possível meditar.

Companheiros, eu não sou um bicho. Portanto, não posso falar por vocês. Respeito vossas existências, não tenho a prepotência de entendê-los, caras coitados que são, mas vamos tentar dialogar. Vamos. De diferente para diferente. Aprendi como os seres humanos falam, como escutam, que é preciso falar com certeza, humanos falam, como escutam, para ser ouvida por assim como estou falando neste momento, para ser ouvido por vocês. Por aleatoriedade, escolhi falar no feminino, enquanto vocês espécie não define se fala como macho ou como fêmea. Sei também que vocês têm dificuldades de entender o que não é vocês mesmos, mas vou tentar explicar:

Sou uma voz, apenas isso.

E, mesmo sabendo que vocês não acreditam nesse tipo de existência, que não é humana, vim até aqui, preferir sons de vossas línguas limitadas. Línguas que não decidem. Não decidem se falam o que escrevem, ou se escrevem o que falam. Estou me comunicando com palavras de um bicho humano, porque vocês são tão egoístas, tão egoístas, que só entendem as próprias línguas. Eu poderia me comunicar em Código Morse, em sons inaudíveis, em ondas magnéticas, ou qualquer outra coisa assim. Vocês pensam que minha existência não existe, mas precisam saber que vozes existem sim. E invadem matérias. E são vorazes pelas matérias.

Ontem entrei em você, coisa. É possível. Mas você não lembra. Lembra? Lembra sim... você pensou que era a lepra, o veneno, a luz que simplesmente pincelou o brilho da sua imagem. Tudo imagem: imagem cadeira, imagem sofá, imagem azeite, imagem âmbar, imagem pato, imagem cavalo, imagem cachorro, imagem mulher.

O corpo da mulher é visto.

E, de novo, a Voz, no breu:

17

Alguns minutos atrás, por exemplo, eu penetrei em uma dessas cadeiras. Posso penetrar, invadir, ocupar tudo. Também não tenho começo, nem fim, nem começo. Também não tenho vida, porque eu não tenho fim. Se eu não tenho fim, eu não tenho vida. Eu penetro a matéria, saio dela, eu proclamo matéria, eu sou livre, eu posso. Posso encerrar tudo isto aqui e partir. Partir pra outra cerimônia, eu posso. Em outro lugar. Posso. Posso entrar na fonte de energia, por que não? Eu posso, eu posso... Posso entrar, inclusive...

Dentro desta paisagem.

Vê-se o corpo da mulher. Inerte. Sem ação no mundo. É de lá que agora a voz fala:

Nada é oco por aqui. Não, não é oco.

Tudo tão deslizando, como os cremes.

Escuro, tudo escuro. Escuro.

Se virássemos este corpo ao avesso, vocês entenderiam: aqui é um lugar escuro, escuro.

E tudo isto que está aqui dentro: isto, isto, isto, isto aqui também, isto, *surpreende-se*, boa noite, coração, então é você, seu dadadinho, olá!, se eu virasse este corpo ao avesso, teria que encarar a ferra lá fora...

Estão ouvindo? Você ouve, coração? Pulmão? Sangue? Ossos? Lá fora existe um bicho feroz, coisa de manter flechas e armas nas mãos! Sabem que nome tem esse bicho? Sabem como se denomina esse bicho? Sabem que nome tem?

O olhar dos outros.

Aqui dentro não entra o sol, o sol não entra, mas também não faz falta nenhuma. Para o público. Peço que me escutem pra que vocês tenham consciência de si mesmos, é tudo escuro dentro de ti, ti, ti e ti e ti. E também não são objetos, não, é uma vegetação, ou... uma... máquina, tudo move, move, move, percebem?

Silêncio. O corpo continua sem ação.

Atogada no sangue. Acho que estou cheia de sangue! Devo estar vermelha, é uma textura, estou puro sangue violento, puro sangue veloz, verdade, o sangue é tempestade e tudo move, move, move, freneticamente move, move, vocês percebem?

Um braço se ergue como uma porta velha que range lentamente.

... enquanto tenta erguer o braço. Nunca precisei fazer tanto esforço. É como uma embarcação, estou erguendo uma vela gigantesca, é como mover um barco, como se estivesse numa tempestade e é meu som que move o leme.

Balancando a cabeça. Ela está balancando a cabeça? Eu estou tentando daqui. Esta mulher está balancando a cabeça? Essa espécie de sino, espécie de grande capela, grande capela. Estou dentro de um ninho, como se numa floresta... O sangue, o sangue é uma tempestade, epidemia, e aqui há espécies de ramos, eu estou sentindo ramos, é enjoento, é como adubo da terra, é essa a consistência, entendem?

Movendo os olhos pelo espaço. E aqui, os faróis da paisagem.

Olhos são faróis.

Ou são facas?

Ou moluscos.

É um susto. É o diabo. É tudo junto.

Abriundo e fechando os olhos. Abrir ostra, fechar ostra, abrir ostra, fechar ostra, abrir ostra, fechar ostra. Coisa de chupar. Olho deve ser coisa de lambar.

A Voz, não o público.

Olá, bichos ferozes! Se virássemos o corpo desta mulher ao avesso, a pele desta mulher que vocês estão vendo, ela é que entenderia seu escuro de dentro, não vocês que ficam espalhando, coladinhos. Quem é você, mulher? O pato, a mostarda, as estalactites, a hélice do avião eu entendi imediatamente quando entrei, mas você...

Perdida. Agora já não sei onde estou... Existem imagens, são imagens, mas parecem de carne e osso. Estão aqui dentro... Onde? Juro que estavam aqui. Onde estão, elas estavam aqui... aqui embaixo?

Aqui embaixo, uma bala alojada. Está dormindo. Parece tão estrangeira quanto eu, aqui, dentro desse corpo. O que faz aqui, projétil? Foguetinho triste que não consegue mais explodir! Está morando agora em outro planeta, é? Entrei um dia numa arma apontada para uma mulher, quando o projétil explodiu e o corpo dela caiu, eu fugi. Era você a mulher?

Já aqui... um metal. Sósia de osso. Um pino sustenta o osso da perna. Faz um barulhinho quando o osso encosta no pino.

Faz o barulhinho do osso encostando no pino.

Que tombo foi esse, mulher?

Já aqui... labirintos de merda. Quente! Ai, como é quente!

Ereitada. O oxigênio! O oxigênio é uma tragédia, o ar quer. Mandar. Em mim. E Mãe. É Pai. E não, isso não me interessa. O ar aqui não é vento, entende? Não se perde, não dança no espaço, não levita plumas, não, o ar aqui caminha com intenção, vocês, vou dizer, em vocês até o ar trabalha!

Eufórica. Mas ao mesmo tempo ao mesmo tempo é uma copulação danada uma copulação do demô é como voar eu chego em cima eu chego embaixo como um trem bala como um raio sei lá se como um raio parece a imagem de uma montanha russa de uma montanha russa de uma montanha russa é desgastante é bom... A cocaína, o craque, o café devem enlouquecer quando entram aqui, assim como eu!

Uau, já estou entendendo mais o espaço!

Balança uma parte do corpo. Ei, eu estou aqui,

Balança outra parte do corpo. Eu estou aqui,

Balança um dedo da mão. Aprende a apontar. Eu estou aqui.

Apontando para alguém. Você. Você é muíto.

20

Apointa outra pessoa. Você é pouco.

Apointa outra pessoa. Você é quase nada.

Muito. Pouco. Quase nada.

Apointando para alguém. Eu não dormiria com você.

Apointa outra pessoa. Você, eu não te quero.

Apointa outra pessoa. Você, eu te amo.

Apointa outra pessoa. Você, eu te quero agora.

Ah, isso é divertido! Acho que vou brincar mais disso, entrar em carnes e fazer a carne dizer. Eu adoro dizer, adoro o gesto que diz com as palavras, adoro dizer com as palavras, adoro dizer, por exemplo... "bostica de nada".

Apointando as pessoas no espaço. Ei, Cowboy, você é um bostica de nada! E também posso mudar a procedência da carne: Tu é uma bostica de nada, seu cabra da peste! Dá pra mudar também a nacionalidade dessa carne: Tu es bete, ou quoi?

Apointando para alguém. Diga alguma palavra! Antes que o braço caia, diga uma palavra, diga!

A voz repete a palavra dita.

Delicioso, isso é delicioso. Já nem sei mais como é o corpo desta mulher por fora. Quem é ela? Faz o quê? Está aqui, agora, por quê? Sua coluna parece exausta, dá pra perceber daí? Ela fuma? Ela sempre foi mulher? De que cor ela é? Por exemplo... entrei um dia numa caixa de som que dizia que este país é justo, ela concordou? Ela chupa sorvetes? Será que ela já usou os cremes Buty? Ela tem cachorro? Alguém a ama? Será que ela não quer beber um café quentinho agora? Vocês se identificam com ela? Ei, mulher, você quer falar alguma coisa? Fala! Você quer fazer um discurso? Faça! Quer que eu fale por você? Eu falei! Referindo-se ao público. Como você quer que esses bichos te respeitem se você não fala? Entrei um dia numa caixa de palanque que falava, falava, falava, mais ou menos assim...

Emite sons parodiando um discurso político.

21

Para o público. Ei, bichos ferozes! Vamos invadir o corpo desta mulher com palavras! Vamos ocupar o corpo desta mulher com palavras! Esta mulher aqui é só um microfone, coitada, ela não tem nada a dizer! Gritem palavras, eu boto aqui dentro!

A voz repete as palavras gritadas. Ocupa o corpo da mulher com as palavras que nascem ali.

Para o corpo que habita. Pronto, companhia, é o suficiente, quero sair daqui. Chega. Acabou.

Nada acontece.

Eu quero sair, tem espaço lá fora, me deixa sair...

Nada acontece.

Você é teimosa, mas eu sou também. Eu vou ficar gritando aqui, até você não me suportar!

Nada acontece.

É pior pra você, eu estando aqui, ninguém vai te entender no mundo, você vai virar uma expressão estranha.

Nada acontece.

Anda, deixa de ser boba. Dá trabalho demais te mover, carne, eu vou me cansar, é exaustivo.

Nada acontece.

Isso é um absurdo, onde está o meu direito de ir e vir? Você não vai dormir porque eu vou ficar berrando aqui.

Nada acontece.

Idiotai! Babacai! Otárial! Egoístai! Gordai! Patética! Metidai!

Homofóbicai! Pouco! Racistai! Mal informadai! Lésbicai! Violentai!

Insossal! Eu sei o que você quer, eu sei bem o que você quer, você quer me aprisionar, você quer que eu seja uma mera representação de você, carne, você é patética. Você quer fechar os olhos e que então eu comece a imitar um ronco. Você me quer como uma ilustração disso que você chama de vida. Você quer rebolar e que, então, eu comece a cantar uma música insinuante. Você

é pura mídia! Você me quer como um coerente espelho barato! Quer que eu te ajude a ser a imagem que o outro quer ver.

Andando pelo público. Não! Eu não sou uma mulher andando entre corpos humanos. Eu só estou presa aqui. Eu me recuso a entrar nesse sistema, nessa ilusão. Há outras formas de vida e isto é necessário ser dito. Vingativa. Tem uma palavra na sua língua que eu adoro gritar, uma palavra que define muito bem toda essa situação. Eu vou gritá-la pra você, sua carne pequena insupportável, escuta e me larga, escuta esta frase com todos os sons:

24

25



(Com este livro prazer. Não! Inferno! Eu nunca, sua carne  
maldita, eu nunca tive isso, isso não é meu, eu sou um fluxo  
honroso, eu não tenho mãe, eu sou outra coisa, o tempo é puro  
pra mim, pra mim não existe trajetória, pra mim não existe "cro-  
nologia", eu sou uma voz apenas. Cadê minha palavra? Merda!  
Milo, ninguém me guia, eu me guio. Não, eu peguei doença de ti,  
é esse sangue, eu devo estar cheia de sangue, eu fui contagiada,  
eu só posso ter sido contagiada. Não, "esquecer", não, eu  
preto me acabar do que ter isso, esse vazio... eu me esqueci.  
Isso é honso...

É o vazio. É como a imagem de uma luz num cômodo vazio. É o deserto. Esquecer é o deserto. Sustar a memória, que material eu te amo, esquecimento. É sério, eu estou apaixonada. Que nada absoluto, que vagação sem rumo, esquecer é gostoso demais, esquecer é meditante. Como não estive antes em ti, esquecerimento? Que...

E olha, esse silêncio que eu fiz agora foi pra que sentisse falta de mim.

Para o corpo que habita. Ei, mulher, você sente falta de mim?  
Para o público. E vocês aí, que só ficam espiando, esperando,  
sentiram falta de mim?

Merda, eu estou sentindo falta, merda. O que é isso? Merda, isso  
é a carência, que merda.

Desculpa... é que está me invadindo uma coisa estranha de  
novo, está tudo estranho, como se este corpo sufocasse minha  
existência, como se eu pudesse pensar, eu não era assim.

Nem sei se é exatamente isso o que eu gostaria de dizer agora,

agora,

e agora,

e agora,

e agora,

e agora, está cada vez mais difícil eu me comunicar nessa língua.

Chora.

Nem sei se quero de fato chorar, olha pra mim!

Para de chorar.

Me sinto falsa.

E eu devo te agradecer, carne, sua máquina me ensina. Eu já me  
sinto matéria nesses cantinhos da sua carne, já me sinto com  
volume, vagar por aqui parece copulação. Corpo, corpo, carne  
aberta, já quase acredito que existo! Eu vou amassar palavrinhas  
em cada esquina sua, eu quero tomar banho nos teus líquidos,  
porque você seduz tanto, e voar, eu vou voar aqui dentro. Ai,  
que gostoso voar, eu vou arquear tua coluna, eu vou te fazer  
gozar, agora, aqui... aqui tudo é tanto, escura, tem um feto  
aqui dentro, é sério isso, mulher, sim é um feto.

Silêncio.

Escuta! Eu não estou mentindo, acredita em mim! Você está grá-  
vida, está me ouvindo? Fala alguma coisa! Anda, fala! Fala! Fala!

Silêncio.

Que loucura, parabéns, eu nem sei o que dizer, na verdade,  
eu nem sei o que dizer, que loucura, é um feto, sim, eu tenho  
certeza, você quer que eu te ajude a colocar uma música? Vamos  
abrir alguma coisa para brindar, eu tenho certeza, é um  
feto, tim-tim!

Silêncio.

Grita. Uma criança, reage, mulher!

Será que eu tenho que falar mais baixo? Talvez ficar mais calma?  
Sim, eu tenho que ficar mais calma, porque eles sentem, sabia?  
Eles ouvem, pode ficar tranquila, eu não vou provocar mais  
estrondos aqui dentro. Eu estava agitada, mas era outra época,  
já passou.

Silêncio.

Nós vamos ter um filho!

Silêncio.

Quer dizer, você vai ter um filho, me desculpa...

Silêncio.

E como ele vai se chamar? É, como vamos chamar essa carni-  
nha? Tem uma palavra que eu gosto muito...

Silêncio.

Sente prazer...mas agora eu esqueci. Como era mesmo, eu  
vou lembrar, não se preocupe, eu vou lembrar.

Silêncio.

Que lindo é o feto por dentro, que vontade de rir e de chorar que  
dá. É menina? É menino? É menino?

Para o feto. Eu vou te pegar no colo, eu vou pegar essa car-  
ninha no colo, repolhinha, repolhinha da mamãe, eu não vou  
entrar em você não, calma...

Fica tranquila, viu, repolhinha, eu vou te ninar, viu?

Can'ta uma canção de ninar.

Shhhi Ela está dormindo!

Escuta, nós temos que conversar. Que nome vamos dar a ela? Nós duas. Pensei em algo como "Cavaliho", o que acha? Não, isso é denominação para outra espécie... ou alguma coisa como "Ciclone"? Não, Ciclone parece nome de super-herói, eu sei... Desculpe dizer isso, é que não gosto de nome humano, não gosto, não gosto, não gosto. E tem mais. Está decidido: Eu vou ficar aqui dentro.

Não vou deixar minha repolininha viver de qualquer jeito nesse mundo do capeta, com esses bichos ferozes... Tenho que ensinar essa carlinha a viver. Ela vai ter o próprio corpo... Susto. O que vamos dizer a ela sobre o mundo? Eu quero ensinar a ela, sim, preciso ensinar a ela sobre estar no mundo, eu não vou deixá-la, aqui, sozinha, nesse mundo do capeta, junto a esses bichos ferozes, afinal de contas, eu tenho responsabilidade, afinal de contas...  
Chora.

A contragosto. Eu sou uma mulher.

Ela vai ter o seu próprio corpo... Precisamos ensinar a ela. Ensinar, não sei, ensinar. Ensinar que eu estou aqui, porque eu estou aqui. Aponta alguém. Que ela está ali. Aponta alguém. E ela está ali. Distâncias...

Que isto é um chão. Que isto é um teto, que isto são luzes, que isto é um teatro, que isto são cadeiras, que um dia chegaram aqui carregadas nas costas de alguém. E depois vieram os parafusos. E, um por um, foram colocados para que fosse possível suportar o peso dos corpos. Suportar. Suportar. Suportar.

Ensinar que isto é um homem? Que isto é uma mulher? É assim? Que isto é uma rua? Chove, e é fim de tarde?

Balança os dedos imitando um tocar de guitarra.

Que isto é uma guitarra, ou, simplesmente, um balançar de dedos?

48

Rebola, balança uma bolsa imaginária.

Que isto é uma dança?

Ou uma prostituta?

Ou um carrossel, uma roda gigante, ou...

Explode, deseja definir alguma verdade. Que se eu levanto a mão, eu sou responsável, se eu balanço a mão, eu sou responsável, se eu grito, eu sou responsável, se nada falo, eu sou responsável, que nada tem o direito de invadir o seu corpo e que se alguma coisa invadir seu corpo, que lhe peça licença, que lhe peça licença, que lhe peça licença.

Silêncio.

Que delícia é a justiça por dentro. Que vagação sem rumo, que nada absoluto... Eu te amo, justiça, é sério, eu estou apaixonada... A justiça está aqui dentro. Está. A justiça está aqui dentro. Está.

Procura a justiça em si.

Onde? Onde? Eu juro que estava aqui...

Silêncio.

Para o público. Vocês me desculpem, mas eu preciso ir embora, não é culpa desta mulher, é que...

Entre um dia no corpo de um cachorro e no primeiro latido eu já estava cuspidá no mundo. Mas aqui não, aqui a gente se agarra nas paredes, aqui... Eu já estou imaginando minha pirralhinha crescendo, andando, correndo pelo mundo, já estou imaginando o futuro e o futuro nem existe ainda, eu já estou aceitando o tempo, que horror.

Desculpa, não é culpa desta mulher não, é que...

Enfia um objeto no corpo da Mulher. A mulher sangra.

Sinto tudo esvaziar.

Está tudo mais deserto. E vazio.

49

A pena que um dia penetrei e me fez voar em cima de prédios e montanhas, a imagem parece sumir de mim.

As palavras também, minha capacidade de contorná-las, está tudo indo embora.

Todos os campos de algodão que eu vivi. Cada cocô que invadi e bebi da sua água, está... tudo indo embora.

Entre um dia num sonho de uma raposa, no sonho ela copulava com uma manada de elefantes, mas já não consigo lembrar... como eram os elefantes?

Ai, que saudade do pato.

Para o feto. Minha querida, me dê a mão.

A máquina desta mulher está desviando o percurso correto do sangue. Sua consistência está invadindo tudo e eu ainda não consigo sair daqui.

Para o público. Agora vocês esquecerão essas minhas palavras?

E essa,

e essa,

e também essa,

e essa,

e essa...

Onde estão as palavras? Onde? Onde?

Talvez...

Breu.

**Esperai!**

A mulher é vista.

Eu já sei quem ela é! Eu já sei!

Ela é uma mulher, ela é negra...

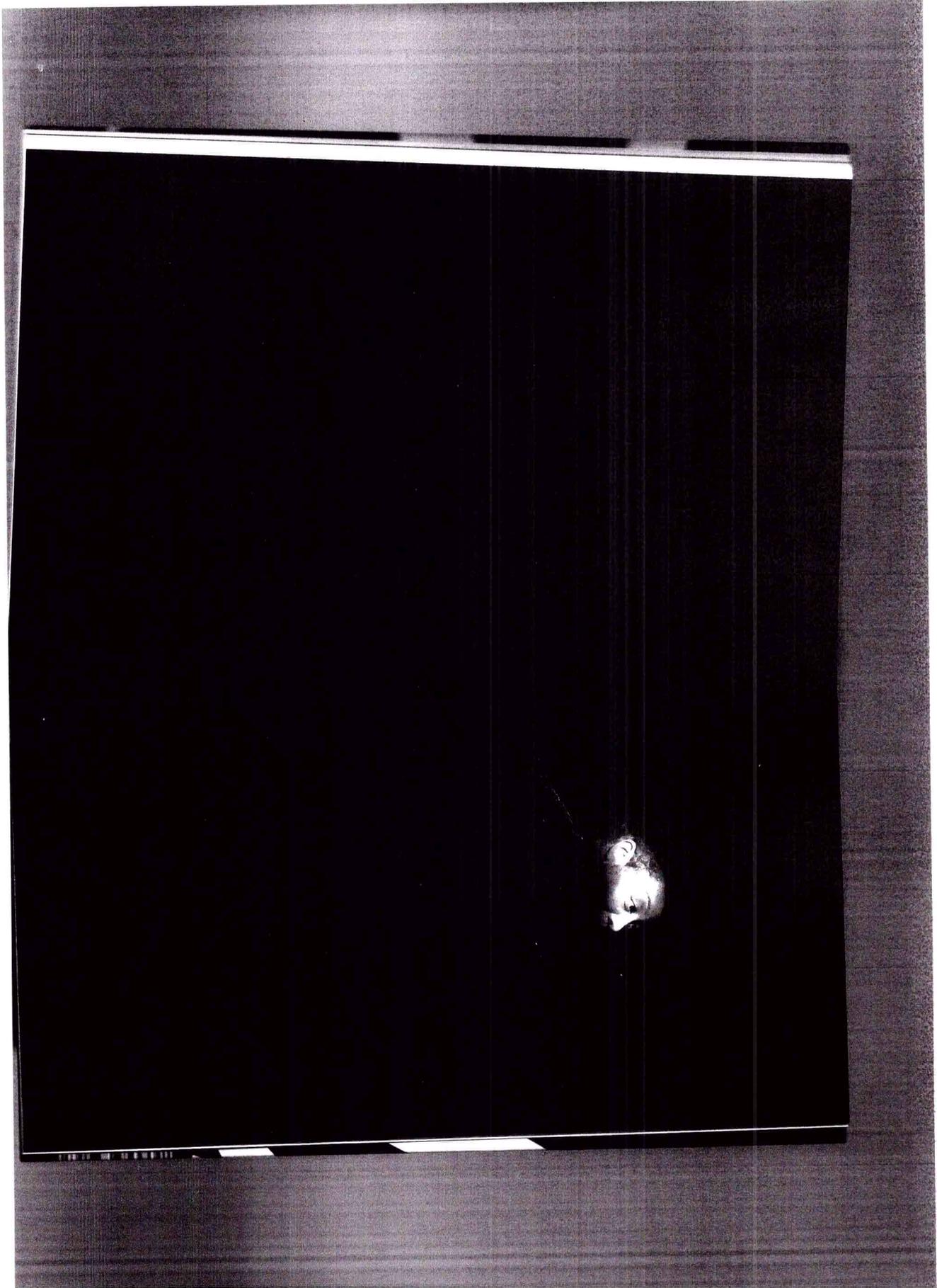
Breu.

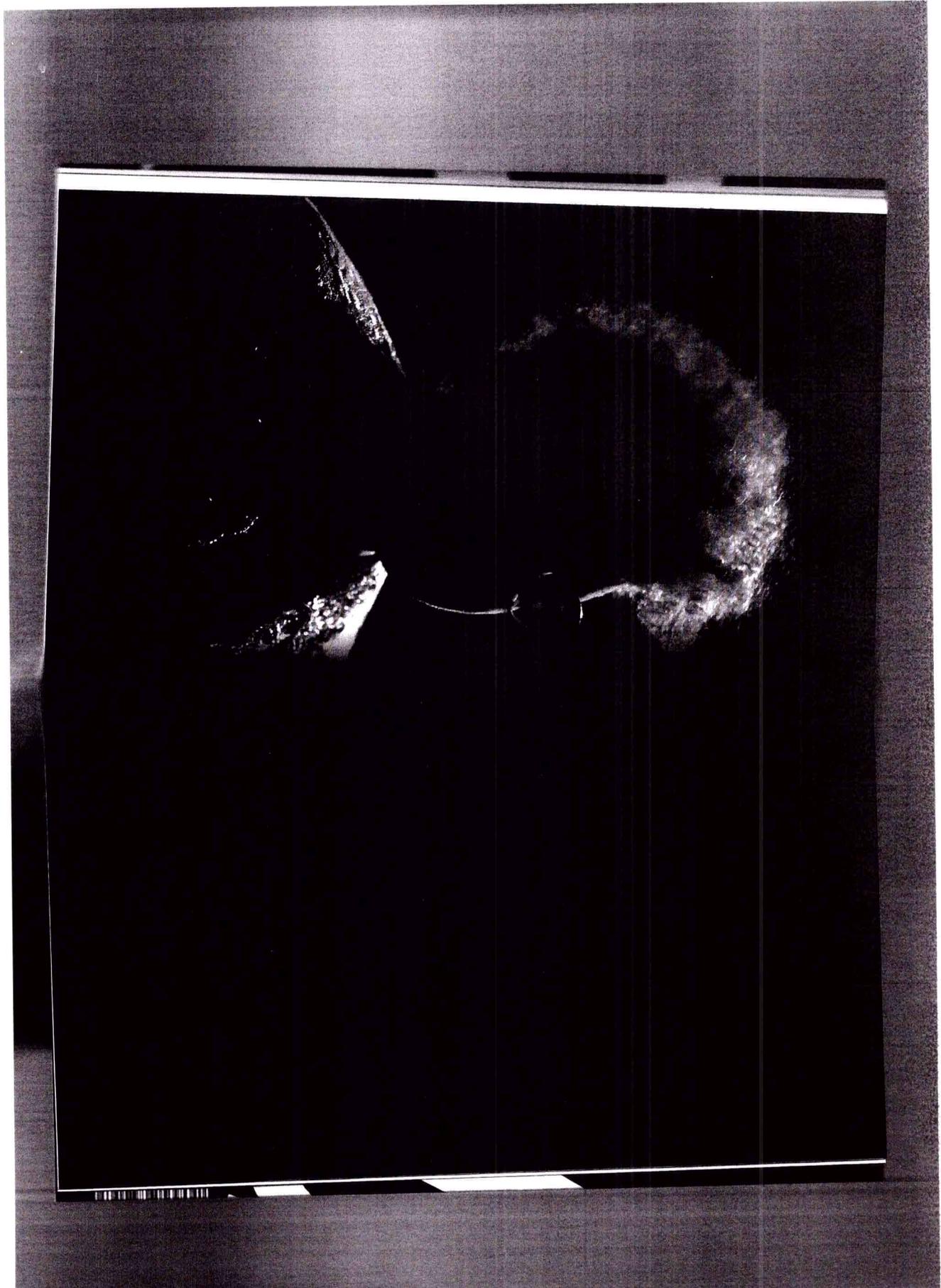
**Esperai!**

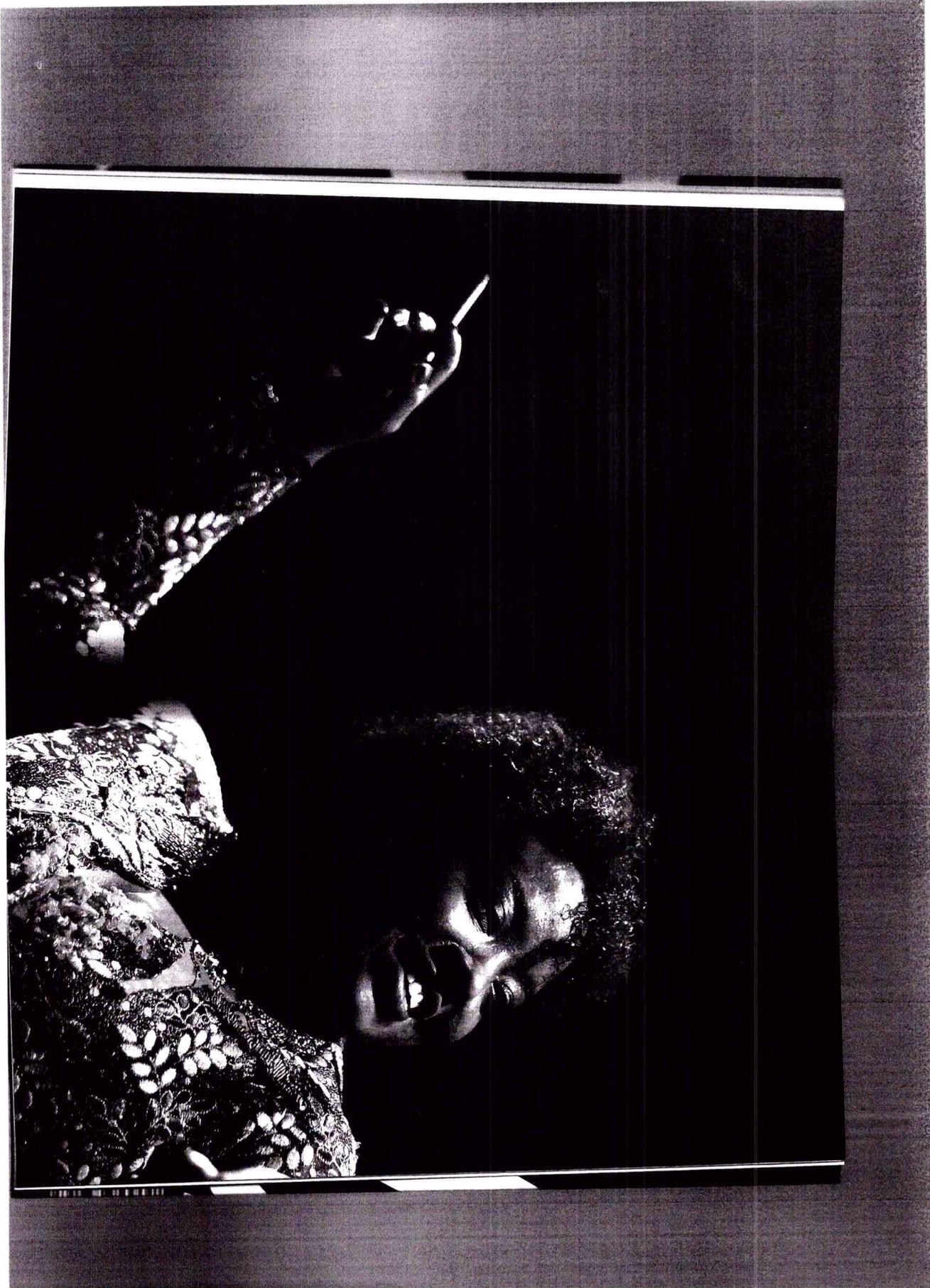
A mulher é vista.

Eu já sei! Ela está aqui, hoje, diante de vocês, e ela gostaria de dizer que...

Breu.







FICHA TÉCNICA

Concepção, atuação e texto  
GRACE PASSÓ

Equipe de criação

KENIA DIAS

NADJA NAIRA

NINA BITTENCOURT

RICARDO ALVES JR.

RICARDO GARCIA

Luz

NADJA NAIRA

Técnica e operação de luz  
(em alternância)

EDIMAR PINTO

LARA CUNHA

PEDRO MEIRELLES

Trilha sonora

RICARDO GARCIA

Música e operação de som  
(em alternância)

MAURÍCIO CHIARI

RICARDO GARCIA

THAIANA HALFED

Figurino

VIRGÍLIO ANDRADE

Fotografia

LUCAS ÁVILA

Assessoria de imprensa

DUDA LAS CASAS

SANDRA NASCIMENTO

Pesquisa e produção

NINA BITTENCOURT

Identidade visual

JULIANO DE OLIVEIRA

MORAES JJ Design

Contato

[gracepasso@gmail.com](mailto:gracepasso@gmail.com)

[graosdainagem@gmail.com](mailto:graosdainagem@gmail.com)

Coordenação & produção editorial  
ASSIS BENEVENUTO  
VINICIUS SOUZA

Conselho editorial  
& curadoria  
ASSIS BENEVENUTO  
MARCOS ALEXANDRE  
VINICIUS SOUZA

Revisão  
TREMMA ASSESSORIA  
EM COMUNICAÇÃO

Capa, projeto gráfico  
& diagramação  
AMANDA GOVEIA  
VITOR CARVALHO

Fotografias  
GUTO MUNIZ (p. 58-59)  
LUCAS ÁVILA (p. 11, 55, 56)

Bibliotecário  
TIAGO CARNEIRO

Impressão  
GRÁFICA O LUTADOR  
Tiragem 1000 cópias

A Javali, embora utilize em suas publicações as normas-padrão da língua portuguesa no Brasil, não se vê obrigada a segui-las. Consideramos os textos publicados como resultados de um processo criativo que, muitas vezes, não segue rigorosamente as normas estabelecidas.

Catálogo na Publicação (CIP)

P289V Passó, Grace  
Vaga Carne / Grace Passó  
Belo Horizonte: Javali, 2018.  
64 p.; il.  
ISBN 978-85-5876-011-9  
1. Teatro brasileiro. I. Título.

CDD: 8869.2 / CDU: 792.08

Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Bibliotecário Tiago Carneiro - CRB: 3279

Este livro foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura.

Este livro foi impresso em *offset* em Belo Horizonte pela gráfica O Lutador, em papel Avena 80g/m<sup>2</sup>, utilizando as faces tipográficas National, da Klim Type Foundry, e Lacrima, da Milieu Grotesque.

A capa foi composta em Bureau Grotesque, projetada inicialmente por David Berlow, em 1989. Seu desenho foi construído a partir de espécimes de faces grotescas publicadas no século XIX por Stephenson Blake.

Editora Javali, outono de 2018  
editor@javali@gmail.com

Grace Passó (Brasil, Belo Horizonte, 1980) é atriz, diretora de teatro e dramaturga. Trabalha em parceria com diversos artistas e companhias teatrais. Foi cronista do Jornal O Tempo (MG/Brasil). Seu trabalho artístico e textos teatrais foram inúmeras vezes premiados no Brasil e como dramaturga possui textos publicados em francês, espanhol, mandarim, alemão, inglês e polonês. Em 2018, possui seis livros publicados pelas editoras Cobogó e Javali. O texto de *Vaga Carne* foi indicado ao Prêmio APTR e venceu os prêmios Cesgranrio e Shell RJ, em 2016, e o prêmio Leda Maria Martins, em 2017.

# AVALI

